

exercícios.

### *Perguntas*

#### 1 -*Olhos fechados ou abertos?*

Isso é individual. Com os olhos abertos somos distraídos pelas impressões externas. A meditação ocorre melhor com os olhos fechados.

#### 2- *Positividade: como exercitá-la, por exemplo, num tsunami, numa catástrofe?*

Iniciar esse exercício onde é possível. Mas sempre procurar a gratidão pela catástrofe não ter sido pior. É recomendável iniciar em pequenos âmbitos e ir ampliando.

#### 3- *Meditação/oração*

Meditação e a oração estão no mesmo nível apenas no início, pois abrem o ser humano para os mundos superiores.

A oração tem um aspecto muito importante e não deve ser substituído pela meditação.

Na oração comunitária: todos os presentes querem unir-se comunitariamente

Na oração individual queremos elevar-nos.

*Meditação em grupo:* é perigosa. Estado de consciência antigo.

Exemplo: fazer o círculo, de mãos dadas. Pensar em luz de amor. Isso faz surgir uma esfera de sentimentos que toma posse de todos os presentes. Quem preza a liberdade individual não aguentará esse círculo.

Outro risco é o indivíduo dominar os demais.

O caminho para o limiar do mundo espiritual é solitário. Mas uma vez que se atravessa o limiar, novamente estamos juntos com os outros que também o conseguiram.

#### 4 - *sonhos/meditação*

Os sonhos passam a provir do mundo espiritual, e não do cotidiano, quando se exercita a meditação. Não tentar decifrar os sonhos, pois isso destrói a frutificação dos mesmos.

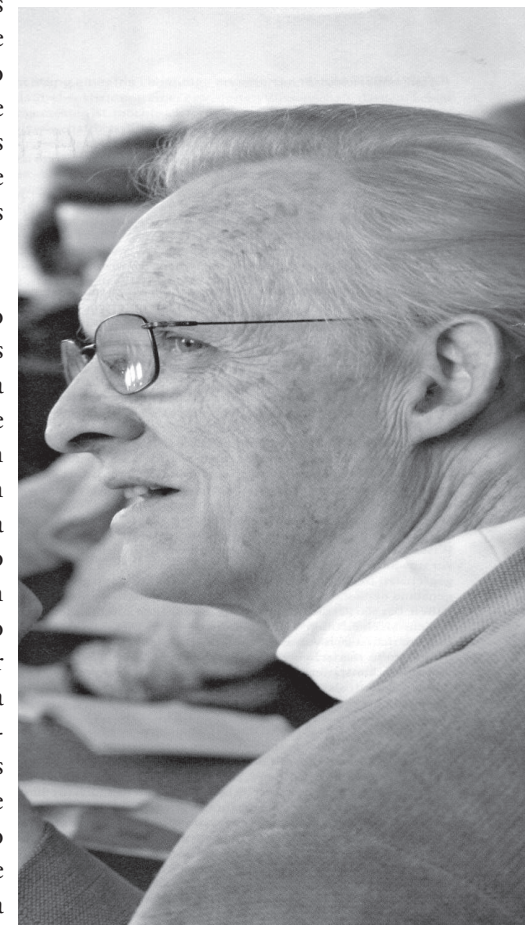
NC. Tanto na palestra acima como na anterior fica claro como para Heinz Zimmermann era indispensável o professor meditar. Ele dizia sempre: aquele professor totalmente 'burnout' não sabe buscar suas forças na FONTE.

## EDITORIAL

***Em 6 de setembro de 2011 faleceu Heinz Zimmermann.  
Ele deixou para muitos uma impressão duradoura.  
Uma pequena retrospectiva sobre motivos de sua vida***

No decorrer das últimas duas décadas, a pessoa de Heinz Zimmermann passou gradativamente a ser a autoridade mais expressiva da Pedagogia Waldorf para o Brasil e para a América Latina. Por isso, dedicamos esse periódico exclusivamente a ele, com a transcrição das palestras proferidas nas homenagens durante o funeral (extraído do semanário Das Goetheanum nº 38/39), e transcrição de palestras proferidas por ele em suas visitas ao Brasil e nos Congressos, além de outros conteúdos.

A intenção da coordenação do Periódico é a de que os colegas repassem conscientemente pela última vez o que preocupava esse grande mestre e que se sintam chamados a se imbuírem de coragem e de forças para realizar a verdadeira Pedagogia Waldorf: a administração das instituições, preocupação com a auto-administração no sentido mais espiritual, o que pode ser lido e estudado em seu livrinho a ser publicado –FALAR-OUVIR-DECIDIR –, além de inúmeras dicas de ferramentas para as aulas e o ensino; da força e do sucesso do professor. Tudo que ele escreveu e falou está fundamentado em sua prática pedagógica. O maior tributo que lhe prestamos é pequeno, é apenas: sermos verdadeiros professores no sentido



da Pedagogia Antroposófica.

Assim, terminamos o ano de 2011 com muitos aprendizados; as perdas também são aprendizados. Mas há presentes! Entre eles, a elaboração dos DVDs com as palestras ministradas no último Congresso de Pedagogia Waldorf, ocorrido em 17 a 22 de julho, na cidade de Bauru, que já estão à disposição de todos. É valioso reavivar os conteúdos das palestras ouvindo-as novamente. Muitos aspectos que passaram despercebidos veem à tona.

As compras poderão ser feitas via secretaria da Federação como foi explicado em carta às escolas.

Desejando a todos um bom início do ano.

*Pela Coordenação do Periódico  
Eleonore Pollklaesner*

3) Equanimidade dos sentimentos. Muitas vezes temos sentimentos que não gostaríamos de ter. Por exemplo: um professor que se aborrece com o aluno e depois aborrece-se por ter se aborrecido.

Esse exercício diz respeito a dominar os sentimentos.

A seguinte história de um Samurai e um Zen Budista trata da inteligência emocional: a força entre o céu e o inferno.

Zen budistas: Por que está gritando comigo?

Samurai: Saca espada.

Zen: Isso é o inferno.

Samurai: É a razão! E guarda a espada

Zen: Isso é o céu.

Samurai: Tem razão. (Na Internet tem um texto parecido, mas mais completo!)

Exercício: é obedecer sentimentos de acordo com a situação.

4) Positividade: ver algo que pode levar aquilo a evoluir. “Que rosa bonita!” ou “Que espinhos sofríveis” ou “Eu fui picada pelo espinho, mas a rosa é linda”.

Para ser médico ou professor precisa-se fazer esses exercícios!

O médico tem de acreditar nas forças de saúde que irão sanar o doente;

O professor precisa acreditar no futuro.

5) aprender a abrir-se ao novo. Nós sabemos o que o outro vai dizer, antes dele abrir a boca. São preconceitos!

Deixar de lado o que já somos e já construímos...

A abertura é ausência de preconceitos.

6) exercitar-se nos exercícios anteriores, de modo que eles constituam um todo.

Esse todo, essa totalidade é a ativação da flor de lótus, do chakra do coração. As forças vão da cabeça para o coração.

Isso dá um aumento do amor humano. O intuito da meditação e desses exercícios é poder realizar melhor as próprias tarefas e assim tornar-se mais ser humano.

É bom se um grupo de pessoas se reúne para trocar as experiências sobre os exercícios colaterais (todo mês). Assim formam-se pequenas comunidades de

frente!

Quem consegue ir contra o fluxo do verso, jamais conseguirá esquecer o conteúdo do mesmo.

**Retrospectiva à noite:** trazer da noite para amanhã, pois o fluxo após o adormecer é de trás para diante.

**Riscos e perigos durante a meditação.**

De Rudolf Steiner: um passo no desenvolvimento espiritual exige três passos o aperfeiçoamento moral.

- egoísmo

- ilusionismo.

Quando se chega mais próximo da antroposofia nós não nos tornamos cada vez melhores.

No começo aprendemos sobre a boa alimentação, boa vestimenta (seda, lã) e o ser humano acaba caindo num clima “natureba” e afasta-se dos outros. Caímos na atitude anti-social.

**Adormecer consciente:** é sair a parte mais egoísta de nós mesmos e ir para a periferia. O anímico-espiritual solta-se da corporalidade. Desencarnar-se.

O que acontece com os nossos hábitos quando saímos? Quando um espírito sai, o espaço vazio é ocupado por uma espiritualidade inferior. Se não há desenvolvimento moral, quando o homem se solta, torna-se pior.

Fazer exercícios de saúde e de higiene anímica. Desenvolver um pensar sadio, um sentir sadio e uma volição sadia.

É trancar a casa! Para que esteja sempre sadia.

**Os seis exercícios colaterais:**

Rudolf Steiner deu três desses exemplos para a saúde:

1) controle do pensamento, pensar objetivo e que corresponda à realidade. 5 minutos - concentrar-se num objeto: tesouras: o que é? como é? do que é? de que se constitui? para quê serve? Manter-se concentrado na tesoura.

Pode permanecer-se no mesmo objeto, ou mudá-lo sempre. Pegar objetos simples.

2) fortalecimento da volição: é para cultivar a vontade.

À noite tomamos a decisão de realizar algo; no dia seguinte, no determinado horário, realizamos algo. Por exemplo: bater na porta três vezes antes de abrir a chave.

É importante que eu decida algo que será relevante apenas para o exercício.

\* É uma maneira de eu obedecer a mim mesmo. É o sentimento de soberania sobre a liberdade.

## EM MEMÓRIA A HEINZ ZIMMERMANN

*Uma estrela brilhante passou pelo céu  
do movimento Waldorf e Antroposófico.*

### **Heinz Zimmermann**

#### **A perda.**

Não só o movimento Waldorf no Brasil, também o movimento escolar mundial perde neste plano físico um grande amigo, protetor e orientador. Um Homem que com muito amor e abnegação estava inteiramente a serviço da causa.

#### **O encontro.**

No fim dos anos 80, pouco a pouco se estabeleceu um contato cada vez mais forte com o Brasil e a América do Sul; seja pelos professores que buscaram sua formação em Dornach; ou por seus ex-alunos que passaram a atuar aqui como professores.

#### **A outra tarefa.**

Depois de tornar-se dirigente da Seção Pedagógica no Goetheanum estabeleceu-se um laço que cada vez mais se ampliou e adensou-se pelos congressos pedagógicos, inicialmente em Dornach, em seguida na América Latina e, finalmente, o Congresso Brasil de Pedagogia Waldorf.

Seus pensamentos claros como cristal, permeados espiritualmente, brotavam como jóias limpidamente estruturadas e presenteavam a nós, os ouvintes. Os conteúdos de suas palestras atingiam na medida exata, eram aconselhamentos práticos fundamentados espiritualmente. Muitos conselhos valiosos foram dados em aconselhamentos particulares e muito desses conteúdos preciosos passou a espalhar-se entre os demais colegas. Nos orientou como trabalhar uma palestra de Rudolf Steiner, como cada uma é concebida em obra de arte que repousa sobre sete pilares tal qual as colunas do Goetheanum e que assim pode ser trabalhada no estudo. Essa orientação é mantida em muitos grupos de estudos pedagógicos antroposóficos de maneira eficaz.

#### **Dr. Zimmermann - o Incentivador**

Uma grande preocupação sua sempre foi a de que os professores buscassem inteirar-se com seriedade do estudo da Antropologia Geral, que esses conteúdos vivessem como diálogo entre os professores, tornando-se, por esta razão, tema dos últimos congressos Latino-americanos. Abriu-se ao mesmo tempo o espaço nesses congressos Latino-americanos para que os professores de escolas de diferentes

países assumissem em conjunto o preparo de um tema e o apresentassem. Em seguida, com a sua grande capacidade de concatenação, pôde juntar as idéias apresentadas e elevar tudo a um patamar de **autodesenvolvimento do professor**.

Durante sua última visita ao Brasil, no I Congresso Brasil de Pedagogia Waldorf, na presença de mais de quatrocentas pessoas, assumira como tarefa fundamental a *fala* e a *linguagem* – desde o ventre materno até a tarefa da fala do professor como modeladora do ser humano em devir, no seu desenvolvimento.

Sempre de novo ele foi solicitado a falar sobre o caminho interior do professor e sobre o ensino de religião ‘Cristão Livre’. O amor em suas palavras convincentes despertou a atenção e a compreensão dos professores. Suas indicações são certas e eficazes.

Também coube a ele o incentivo de os professores membros da I classe encontrarem-se com a preocupação de constituir uma Seção Pedagógica para conscientemente contribuir na solução das necessidades pedagógicas do país.

Seu material, sempre escrito, foi muito apreciado entre os colegas por causa dos estímulos para um confronto com o aprofundamento interior. Parte desse material e também a obra ‘*Das forças impulsionadoras na educação*’ estão traduzidos.

Sem dúvida, foi expressivo o seu impulso para o trabalho interior meditativo como fonte para o ensino e educação e, também, como fonte de forças de renovação do professor.

#### **Dr. Zimmermann e a capacidade de ouvir**

##### **Falar – ouvir – compreender**

Não conheço ninguém que pudesse ouvir tão atentamente como Dr. Zimmermann. Era capaz de, com uma atenção ímpar, penetrar completamente no outro, perceber a essência e compreender como ninguém mais.

#### **Dr. Zimmermann e os jovens**

*Com os jovens enfatizou a importância do encontro e do diálogo como comunhão, salientando o significado social do caminho de desenvolvimento individual e possibilitando a todos um vínculo com a Antroposofia e a vida meditativa. (Constanza Kaliks)*

#### **Heinz Zimmermann - o amigo dos Homens**

*Brasileiros e sul-americanos podem ser retraídos ou também bastante alegres. Isto não era problema para Heinz. Irradiava dele um amor aos Homens. Cada um sentia-se amorosamente tomado a sério e compreendido, inclusive dançando em um alegre encerramento do Congresso.*

#### **Gratidão!**

Estamos seguros de que, a partir do mundo espiritual, esse grande Espírito

vermelho. (pessoas, bichos, etc). Depois, tudo verde. Depois restringir uma área circular. Alternar ritmicamente as cores

Desenho		
vermelho	verde	vermelho
verde	vermelho	Verde

Fazer a alternância sete vezes.  
Exercita o despertar no mundo da movimentação.

Pensar comum: ou isto ou aquilo. O computador é assim (sim ou não).  
(Combinações infinitas).

sem cor

Fazer a circunferência crescer, até um ponto, onde a curvatura se extingue e torna-se uma reta.

Exemplo: Linha do horizonte

Esse é o ponto limítrofe entre o finito e o infinito.

Fazer diminuir a curvatura e chegar-se ao ponto

Isso não pode ser desenhado, apenas pensado.

Linha do pensamento: por definição, uma circunferência não é uma reta que também não é um ponto.

Mas o ponto transforma-se em circunferência e a circunferência transforma-se em reta. Um surge do outro.

A circunferência está entre um ponto e uma reta. Eles não se excluem, mas um conceito surge do outro.

*Meditações de imagens e de palavra*

*imagem* - a meta é formar uma totalidade, uma unidade.

Numa obra de arte, mesmo que se foque um lugar, temos que integrá-la ao todo. Criar um organismo global.

*palavra* - aquilo que acontece um após outro deve ser condensado para formar um todo.

A 1ª linha não pode ser esquecida na 2ª, 3ª, e etc.

Sincronia: algo simultaneamente no tempo. Exercício para isso: quando se conhece bem o verso, ele se desenrola inteiro quando dizemos a primeira palavra. Falar a partir da última frase, retrospectivamente, fortalece incrivelmente.

Fazer linha a linha, depois palavra a palavra e até sílaba à sílaba, de trás para

Esse “vazio” é o local onde nos distanciamos da vida diária e meditamos..

O ser humano é um ser respirador:

Dormir/ acordar

nascer/ morrer

perceber/ pensar

falar/ escutar

vincular sensorial/suprassensorial.

3º passo -Deixamos de lado tudo o que elaboramos, e buscamos um sentimento para nos ligarmos à forma.

Até agora tivemos um pensar produtivo, que em si não está contido na forma.

“Uma evolução que desaparece e no desaparecer surge novamente”

Rudolf Steiner deu essa forma a um discípulo pessoal.

É como uma planta que desaparece no inverno e ressurgem na primavera.

Essa figura traz **o mistério da evolução**. A evolução do homem e da Terra não é linear.

Dá-se em ciclos que desaparecem e ressurgem.

Com esse tipo de exercício a capacidade de concentração melhora.

Outros exercícios:

Dois triângulos (desenhos)

**Forma inicial**

**Meio**

**Forma final**

Requer uma concentração enorme.

Pode-se imaginar o triângulo superior azul e o inferior amarelo. A intersecção para formar o hexágono surge o verde.

Verde – amarelo – azul

Nível das cores: Rudolf Steiner indica deixarmos para trás o cérebro e entrarmos em algo não sensorial. Capacidade de formar imagens interiores

vermelho    anel verde

Para quem tem dificuldade em imaginar cores, imaginar o mundo inteiro

continuará como estrela maior nos indicando a direção quando nós o procurarmos.

A única forma de gratidão é seguramente tornar eficazes e duradouras as suas

orientações e a sua busca do despertar no professor o amor correto ao aluno.

E por essa razão, todo o movimento Waldorf e Antroposófico é imensamente

grato ao mundo espiritual por, aqui, poder ter convivido com esse belo Espírito

- *Heinz Zimmermann* -.

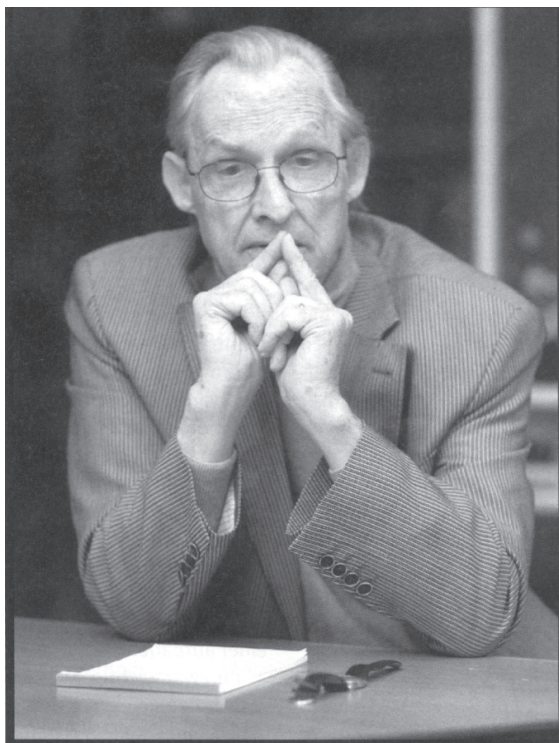
*Eleonore Polklausner*



## UM EVOLUCIONÁRIO REVOLUCIONÁRIO

*Jon McAlice e Florian Osswald*

O caminho de vida de nosso querido amigo e venerado colega Heinz Zimmerman, na terça-feira, 6 de setembro de 2011, em Rostock (AL), repentinamente findou-se. É característico dele o fato de se encontrar em Rostock no momento de seu desenlace, a fim de trabalhar com o colegiado da escola Waldorf de lá. A sua última conversa, a qual manteve com três colegas da escola, durante um jantar, versou sobre perguntas da “vontade correta”, a vontade preenchida de espiritualidade. O passar do



***Em 6 de setembro faleceu Heinz Zimmermann.***

***Ele deixou para muitos uma impressão duradoura.***

***Uma pequena retrospectiva sobre motivos de sua vida.***

26/11/1937 6 /9/2011

limiar aconteceu num momento em que Heinz se encontrava cheio de energia alegre e de esperanças, encontrava-se entusiasmado por causa da qualidade do trabalho com os membros da classe na Dinamarca, de onde ele acabara de chegar.

A relação de Heinz Zimmermann com o impulso da pedagogia de Rudolf Steiner começou desde a sua infância. Ele frequentou a escola Rudolf Steiner na Basileia – Suíça, de

1944 até 1953. Em 1968 retornou à escola, depois de ter concluído seus estudos na universidade da Basileia com o seu doutorado sobre “a tipologia do diálogo espontâneo” tendo, em seguida, atuado como assistente. Ele foi um professor talentoso, cheio de interesse pelas crianças, muito vivo com um maravilhoso

2º. passo - estruturar a meditação. Por exemplo, a da semente tem cinco níveis. A meditação consiste em ligar-se com toda a concentração ao resultado desses níveis.

Entra-se no recinto sagrado, onde ocorre algo divino. O processo de meditação é abrir a alma para o que vem de cima. É preciso preparar-se para a meditação. Primeiramente, atravessamos o portal, depois imergimos completamente nela. Mantemos a calma e a receptividade. Fazemos o encerramento. Saimos pelo portal pronto para o cotidiano.

O conteúdo da meditação NUNCA é o dia-a-dia. Os frutos dela é que fluem para o cotidiano.

### ***Há vários tipos de meditação:***

- objetos ou signos,
- frases, plantas, pensamentos, versos.
- Tudo isso é sequencial.

Exercício para fortalecer essas capacidades:

Meditação de signos: Essa é específica para ativar o pensar, torná-lo mais rico.

Começar com uma observação. O que estamos vendo aí?

Dois elementos (um que vem de cima, um que vem de baixo). Apresentam uma polaridade. Há uma contração na expansão. Não há retas, apenas curvas.

Ponto central: como se passa de uma linha para outra? Há um ponto zero, onde uma forma termina e a outra ressurge.

Quando olhamos para ela, fazemos o movimento interior. É impossível não o fazer.

Tudo isso ainda é preparo.

Próximo passo: que pensamentos brotam em nós?

-infinito

-transformação

- desenvolvimento (chega-se a um nó e ele continua). O impulso está onde não há nada:

o sono

a pausa na música: o bom músico toca bem na pausa, acontece aquilo que ainda ecoa do passado e reverbera para o futuro.

A repetição fortalece. Mas, se ficarmos muito tempo na mesma meditação ela torna-se rotineira.

3. Quais os passos para o desenvolvimento moral?(abordará mais adiante)

4. Há relação entre meditação e alimentação vegetariana?

A alimentação com carne vincula o ser humano mais à Terra, e o leva mais para dentro de si mesmo, encarna. E a meditação desencarna.

Rudolf Steiner indica uma alimentação vegetariana, mas disse que essa escolha é pessoal. Em relação ao álcool, Rudolf Steiner indicou abstinência total, pois o álcool destrói o que a meditação constrói. Essa indicação foi como uma exigência verbal aos seus discípulos esotéricos. Mas isso não está escrito em sua obra.

Quanto à idade: a meditação exige que o Eu já esteja presente. Portanto não é indicado para crianças.

*O processo da meditação vai da cabeça para a laringe e para o coração. Este é o centro meditativo.*

31/07/05

Processo evolutivo da humanidade: cada indivíduo vai tornando-se cada vez mais livre.

A meditação tem por objetivo fazer o ser humano despertar em um nível mais elevado.

O caminho individual perfaz o caminho da humanidade: despertar para uma busca superior.

Humanidade:

1º - indivíduo onírico – eram os líderes que davam os impulsos.

2º - cada indivíduo tem dentro de si a fonte de autotransformação.

• **Encontrar no mundo sensório as forças suprassensíveis que causam os fenômenos sensoriais.**

Três seqüências de caminho:

1. crescer - fenecer

2. audição.

3. ao ouvir o outro captar o que de espiritual é dito.

Há vários níveis que levam à meditação.

1º passo - construir uma “cabana”, um espaço onde se esteja protegido para receber o que vem de cima. Um lugar onde possa encontrar-me comigo mesmo.

Encontrar argumentos para distinguir o essencial do não essencial.

A vida cotidiana deve ficar do lado de fora.

equilíbrio entre leveza e seriedade. Além das matérias científicas espirituais ( História e Alemão) para o ensino médio, também lecionou Educação Física e Religião e dirigia colônias de férias nas montanhas. Sua capacidade de envolver os alunos nos processos de aprendizagem logo foi reconhecida por seus colegas de trabalho. Não tardou que se envolvesse com o seminário de formação de professores em Dornach, como também em um crescente número de cursos, tanto dentro da Suíça como no exterior. Em 1982 tornou-se dirigente do seminário de formação de professores em Dornach e em 1988 foi convidado a inteirar-se como membro da diretoria da sociedade antroposófica geral. Assumiu a Seção Pedagógica em substituição a Jörgen Smit em 1989, e em 1992 foi solicitado a também assumir a Seção de Jovens, órfã.

No contexto de trabalho para essas duas seções, bastante unidas, bem como em relação à sua responsabilidade como membro da diretoria iniciou o seu trabalho constante no âmbito internacional. As viagens o levavam a um contato vivo de intercâmbio com os professores assim como com as pessoas jovens em muitos países. Os encontros lhe transmitiam um profundo sentimento de prazer; o amor que possuía para os alunos recebeu uma nova expressão no seu diálogo com as pessoas para as quais a atividade de lecionar diariamente é uma tarefa importante. Esses encontros levaram a uma multiplicidade de novas metas e tarefas, sendo que algumas perduraram por anos.

Como professor, Heinz Zimmermann possuía a capacidade de despertar em seus alunos a iniciativa própria. Quando lograva, no trabalho em conjunto, penetrar no fluxo da correnteza do seu pensar, talvez com a ajuda da sua expressão oral de forma magistral, de exemplos e fantasia era possível descobrir como o trabalho interior de Heinz Zimmermann permitia despertar algo dentro da gente. O segredo dessa relação interior e o gesto social novo, que estavam embutidos em sua atividade de forma germinal, como uma semente, eram os anseios centrais de sua vida. Isso também tomou expressão em sua atividade internacional com os professores e assim tornou-se o coração da Seção Pedagógica. Nesse sentido também precisa ser visto o seu interesse durante a vida inteira pela natureza e pela possibilidade do diálogo. No esforço em conjunto pelo diálogo, se encontra uma abertura para novos âmbitos da compreensão, a possibilidade de uma forma totalmente nova de comunidade - uma comunidade da atividade espiritual.

Heinz Zimmermann foi uma pessoa incrivelmente produtiva. Deu contribuições importantes para diferentes âmbitos. Mas querendo descobrir o gesto interior, como cerne do decurso de sua vida, não devemos olhar para os seus feitos, porém muito mais, como era ele. Heinz Zimmermann era, no melhor sentido, alguém que procurava; ele se exercitava no caminho antroposófico da

transformação interior com a mais pura seriedade e, ao mesmo tempo, com uma percepção artística. Com o exercício interior ele lidava semelhante a um músico com o seu instrumento. Isso se manifestava na veracidade de sua presença, a verdadeira boa vontade frente à cada tarefa, por menor que fosse, em seu amor frente à iniciativa e na luminosa qualidade de seu idealismo, que acompanhava todas as suas atividades.

Em Heinz Zimmermann sempre se encontrava algo radical, em sua natureza havia algo de anarquismo. Ele tinha uma relação revolucionária em relação à liberdade pessoal, e ele assumia a postura de coração contra tudo que pudesse limitar a liberdade pessoal: independentemente de se tratar do movimento escolar, da sociedade antroposófica ou da civilização moderna. Por outro lado, ele sabia, por meio do seu próprio trabalho interior, seu trabalho com os estudantes e por sua experiência na auto-administração, que cada mudança verdadeira deve vir de dentro. Ele quase não falou sobre estruturas sociais ou organizacionais. As novas formas sociais não podem ser desenvolvidos primeiramente na teoria e depois serem aplicadas, elas só podem surgir a partir de relações pessoais estruturadas conscientemente. As condições necessárias para uma vivência espiritual verdadeira podem de certa forma ser caracterizadas, mas as consequências de uma tal vivência precisam permanecer na liberdade imanente do indivíduo. Heinz Zimmermann preocupou-se em alcançar uma compreensão interior cada vez mais profunda da natureza espiritual orgânica das modificações sociais. Ele era um evolucionário revolucionário.

No dia 13 de setembro de 2011, reuniram-se aproximadamente 1000 amigos do mundo inteiro no Goetheanum para se despedir dessa pessoa que havia entrado em contato com tantas vidas. O clima no salão era festivo, ao lado do profundo pesar havia também um sentimento de otimismo e de gratidão. Quatro pessoas falaram sobre seus encontros e seu trabalho com Heinz Zimmermann. Por meio das quatro manifestações teceu-se um fio vermelho: Heinz Zimmermann viveu o seu dia em dedicação cuidadosa com as pessoas em sua volta. Em suas relações era possível ter a intuição da presença do Cristo. Sentiremos falta do seu humor delicado, da sua amizade cordial, sua modéstia, suas perguntas compreensivas, sua capacidade de ouvir o outro e a seriedade luminosa de sua presença. Nós somos profundamente agradecidos pelas sementes do futuro que ele plantou com o seu trabalho. Elas são um legado verdadeiro.

2) meditação no decorrer do tempo (versos, frases, pensamentos). São formas que acontecem numa sucessão de tempo, como a fala.

Exemplo: meditação sobre uma semente.

Nível I: observação - descrever em detalhes (forma, cor, etc.).

Nível II: pensamento - nascerá uma planta se ela for plantada na terra.

Nível III : a atividade da formação de imagem interior - conscientize-se da planta, e ligando-a à fantasia. Imaginar uma planta que não existe, que só vai existir no futuro.

Nível IV: sentimentos correspondentes - esse sentimento deve ser acompanhado de sentimento.

Nível V - concentração - limitar-se apenas à essa imagem. Não permitir que venham outras idéias.

As capacidades de:

observação

pensamento

sentimento

concentração...

Estas são necessárias para meditação, porém precisam ser exercitadas.

-como treinar a observação?

-como educar a vida de sentimentos?

-como o pensar com fantasia?

-como educar a formação de imagens interiores?

Hoje essas imagens vem prontas, de fora;

### ***Perguntas:***

1 É importante que a meditação seja feita sempre no mesmo horário?

Sim, o ritmo do eu é o dia a dia. É preciso ser diário, e no mesmo horário.

RITMO é FORÇA.

Mesmo horário não é necessariamente o mesmo minuto.

Mas a variação de horários não é benéfica.

**\* oração da manhã e oração da noite são importantes.**

2. Pode-se permanecer com o mesmo objeto por muito tempo?



1) observar o brotar e o fenecer. Numa só planta é possível observar isso.  
-Que sentimentos surgem quando observo isso?  
Na vida dos sentimentos quando eu ainda sou um bebê. -É preciso de tempo.  
Eu capto tudo em segundos. Mas o sentimento não surge em seguida  
-Exige tempo.

*A meditação exige uma desaceleração da vida dos segundos para os minutos.*  
Deve-se criar durante o dia um espaço de tempo onde se possa cultivar o sentimento.

São forças suprassensíveis que fazem a planta crescer e fenecer. Com esse exercício penetro nesse âmbito suprassensível, penetro no etérico.

Exercício preparatório para a imaginação I.  
2) Tons - dar atenção às coisas acústicas: um sino, pedra, madeira, chuva e ainda um riacho. São qualidades, pode-se vivenciá-las. Como passo seguinte, posso escutar os fonemas do animal - um gato, uma cabra, uma vaca – fonemas vinculados com a entidade que os imite. É a expressão de um ser.

Esse exercício traz a possibilidade de descobrir o suprassensível no sensível.  
O caminho do desenvolvimento antroposófico vincula-se sempre ao mundo sensorial reconhecendo nele o suprassensório. O mundo sensorial não é desprezado.

Chega-se ao espírito através do sensorial e cultivo dos sentidos sensoriais.  
3) o cultivo da audição, da fala.

Eu ouço apenas até o momento em que compreendo. Quando alguém fala eu já começo a pensar no que responder; e nisso há um julgar e discernir.

Esse exercício propõe o ouvir sem crítica, sem o julgamento.  
Se consigo realizá-lo, penetro cada vez mais numa esfera de encontro com o outro. Na voz do outro vive algo individual. Quando cultivamos intensamente ouvir o outro, como um raio podemos, em um determinado momento, vivenciar o outro.

Quando penso, julgo e discirno, estou dentro de mim. Quando estou ouvindo o outro, estou na periferia. Estou conscientemente um pouco fora de mim, adormecendo no outro.

*O caminho do autoconhecimento é adormecer conscientemente. É nós nos voltarmos ao nosso corpo.*

A prática meditativa consiste em conscientemente desencarnar-se UM pouco. Há conteúdos para isso. Há dois grupos:

1) meditação em imagens (objeto ou signos)

## Seguem as Falas dos diferentes dirigentes das Seções do Goetheanum :

### SEU INTERESSE ERA DEDICADO À SEMENTE

#### O MESTRE DA FALA

*Virgínia Sease*

#### **Falar e ouvir.**

Heinz Zimmermann era uma pessoa que realmente sabia pensar com lógica. Não se tratava apenas de um dom natural, foi conquistado principalmente por meio de seu caminho de autodesenvolvimento. Quem o conheceu nos estudos, nas reuniões, e no contexto da Sociedade Antroposófica sabe que, além de ele acompanhar tudo atentamente, também conseguia permanecer quieto durante longas horas. Durante esse tempo ele se apoderou de algo que para todos que trabalharam com ele era de grande significado: Heinz Zimmermann era um mestre da conversa. Ele entendia que uma conversa consiste em falar e ouvir, e ele sabia ouvir de forma excelente. Isso também se fez presente no trabalho junto à diretoria do Goetheanum onde Heinz Zimmermann nos foi de grande ajuda para chegar a um processo com os passos *falar, ouvir e decidir*. Quando entraram novos dirigentes de seções no Goetheanum e novas formas de trabalho, passo a passo, foram introduzidas, algumas se basearam em Heinz Zimmermann.

#### **Arte Amada**

Heinz Zimmermann encontrava-se no lugar certo no Goetheanum. Ele amava muito a arte e muito a promoveu. Ele compreendia, como dificilmente outro, o que Rudolf Steiner quis dizer com o pensamento da metamorfose, tanto nas colunas quanto nos selos. Esse motivo o acompanhou, cada vez mais profundamente, até o seu passar pelo limiar no dia 6 de setembro, para dentro do princípio rosacruciano: metamorfose e ressurreição.

A arte em Heinz Zimmermann abrangia tudo: as artes plásticas, a eurtmia, a música, o canto e arte da fala. Talvez a que mais amava era a fala, especialmente a de Rudolf Steiner. O que Heinz Zimmermann, nesse sentido, apresentou em suas palestras nos grandes Congressos no Goetheanum e encontros de seção é inesquecível. Ele não apenas atuou em grandes contextos, ele também trabalhou em círculos menores mais íntimos, sempre de forma construtiva.

Era importante para ele não atuar como solista. Ele se alegrava com a colaboração de um colega. E para que esse conseguisse tempo suficiente para se desenvolver, Heinz Zimmermann nunca foi importuno. E nisso residia o perigo, pois ele não exigia ser incluído, mesmo quando era a sua vez.

Em relação a essa contenção e discrição ainda se acrescentava algo mais que

era de grande valia social. Era a frase de Rudolf Steiner: *-Torne-se um homem com iniciativa -*, que Heinz Zimmermann interiorizou em si. E como a iniciativa era um princípio importante para ele, dava atenção ao que vivia nas almas, nos impulsos coletivos e nos pensamentos das outras pessoas. Por meio dessa grande dádiva o outro se sentia compreendido. Ao mesmo tempo, Heinz Zimmermann conseguia dizer com clareza: -“Você tem uma iniciativa, segue-a, mas se ela é realmente a sua tarefa, há de se mostrar.” -

Na percepção da força de iniciativa das pessoas em sua volta vivia um profundo sentimento Crístico.

Heinz Zimmermann conseguia ver o Cristo nas outras pessoas.

Nós da diretoria do Goetheanum desejamos que Heinz Zimmermann continue acompanhando fortemente a nós e à Sociedade Antroposófica, como o fazia enquanto estava aqui na Terra.

*Virginia Sease é membro da Diretoria da Sociedade Antroposófica*

eleva a alma acima do cotidiano: o olhar de uma ação, o céu estrelado, a beleza de uma flor, uma aperto de mão, etc.

Névl II - É mais difícil, precisa-se de calma interior e discernir o essencial do acessório.

Quando tentamos meditar sentimos coceira, toca o telefone, lembramo-nos do gás, etc. Isso é uma lei e faz parte desse processo. É preciso descobrir qual é o melhor horário para cada um. Mas não posso ser interrompido nesse horário. Esse preparo é importante. Isso modifica toda a vida da pessoa.

Normalmente, estamos sempre reagindo, sempre atrasados. O tempo é curto. Nunca estamos no presente.

O presente é o momento em que estou plenamente inteiro no que estou fazendo. Um bom exemplo é quando estamos em uma fila. Enquanto aguardamos querendo que logo chegue a minha vez, eu estou no futuro. É mais proveitoso usar esse tempo para observar as pessoas, para planejar a tarde, para decorar um poema.

Existe um tempo ocupado e um tempo não ocupado.

### ***O caminho meditativo trata da ocupação consciente do tempo.***

Uma forma de meditar é experimentar fechar os olhos em algum momento durante o dia. Criar uma vez por dia esse espaço para estar consigo mesmo, em uma conversa interior.

Inspirar e expirar lentamente. Uma vez encontrada a calma interior, pode-se preencher o espaço criado.

Nesse espaço criado, pode-se falar uma oração. Nesse nível, oração e meditação ainda são iguais. A calma interior deve durar 5 minutos. Zimmermann, entretanto, acredita que na atualidade esse momento deve durar 15 minutos, incluindo a preparação.

Rudolf Steiner dá três âmbitos nos quais podemos nos exercitar. Mas a criação do espaço de calma interior já é valioso.

\* o caminho já é a meta!

Quando o momento da calma interior torna-se hábito, a vida já se torna mais rica.

Ter metas pequenas que se consiga cumprir. Saber o que eu posso prometer a mim mesmo.

### ***Os três campos de exercício:***

Não estão incluídos os 15 minutos de calma interior, mas do desdobrar do dia.

## MEDITAÇÃO DO PROFESSOR

Palestra proferida por Dr Heinz Zimmermann  
em 30 e 31 de julho de 2005.

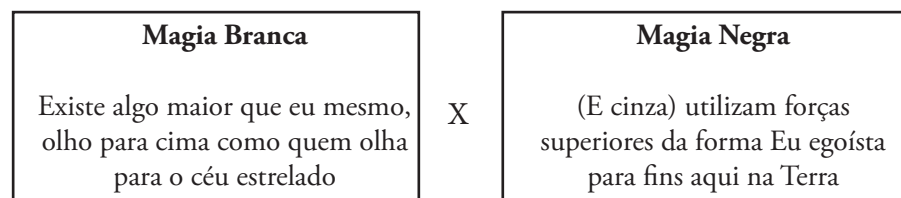
*Anotações de Paula Lvyi.*

Meditação hoje em dia tem muitas conotações. Há os que acham meditar tão difícil como subir o Aconcágua. E há aqueles que acham que meditar é relaxar ouvindo uma música, por exemplo. Entretanto, entre o “Aconcágua” e o “relaxamento” há muitas possibilidades.

Há quem diga que para meditar é preciso ter um mestre que lhe dê indicações precisas. No caminho apontado por Rudolf Steiner, há condições específicas. Meditação é um meio que pode ajudar a pessoa no processo de autoeducação. Mas exige a aquisição de outras capacidades.

Na iniciação antiga, os neófitos ficavam três dias fora do seu corpo e adquiriam experiências suprasensíveis; um processo válido para o período em que o ser humano ainda não havia conquistado a liberdade. Na antiga iniciação egípcia a consciência era abafada para que as vivências suprasensíveis fossem possíveis. Muitas meditações ainda hoje se baseiam nesse sentimento básico de veneração: o desejo de olhar para algo que está acima.

Rudolf Steiner mostra o caminho iniciático que exige a liberdade interna. O método parte da maior consciência possível, ao invés de entrar no mundo do sonho.



Rudolf Steiner propõe um caminho cheio de degraus e de níveis. Cada um começa onde ele está. Sugestão: Cada um parte de onde ele está.

Nível I - O caminho pode começar procurando-se uma vivência diária que

## TUDO ERA VERDADEIRO

*Michael Debus*

Existe a dor da perda, que todos nós sofremos. Quiséssemos transformar em palavras talvez poderíamos dizer: Nas mais diversas situações onde se encontrava Heinz Zimmermann sempre se podia vivenciar algo que era totalmente “verdadeiro”. Isso o transformava numa pessoa autêntica e isso despertava confiança. Onde ele participava podia-se confiar na iniciativa. Isso era válido bem especialmente para a Antroposofia, que em sua fala e em seu proceder sempre se tornava viva nele e através dele. A autenticidade que emanava dele nunca possuía algo pesado ou mesmo algo que exigia, porém era sustentado por uma “leveza” bem própria dele, que certamente tinha a ver com sua maneira de ser aberto e a sua capacidade de admirar o que emanava do interesse pelo outro e pelo diferente.

### Interesse pelo outro

Antroposofia para ele não era o meio para a formação de um julgamento refletido, para alcançar - um saber a mais, ou mesmo um querer saber melhor - apesar justamente de ele ser um profundo conhecedor -, porém Antroposofia para ele era um caminho no qual sempre surgiam cada vez mais, e sempre, novas perguntas.

Heinz Zimmermann vivia em perguntas. Um método importante para ele e característico era perscrutar as perguntas e movimentá-las, era a conversa que podia tornar-se uma verdadeira conversa de conhecimento. Para esse caminho ele denominou três passos: falar - ouvir - compreender. O compreender para ele era na verdade o resultado do falar, ao qual anteriormente era necessário acrescentar o interesse do ouvir, para que ‘determinada’ fala talvez pudesse receber uma direção totalmente nova. Isso não era um psicologizar, pois Heinz Zimmermann, segundo a sua essência, pouco se interessava por isso, porém era um “processo artístico da fala”, como ele o chamava, que merecia ser treinado como todas as demais artes. Por essa razão o interesse verdadeiro não é uma realidade recebida, porém, adquirida. Justamente em Heinz Zimmermann podia-se ter a impressão que estava relacionada à uma “rica vida interior”, como Rudolf Steiner o descrevera para o caminho iniciático. Não se tratava apenas das coisas ‘interessantes’ que interessavam a Heinz Zimmermann. O que despertava o seu interesse era aquilo que servia à causa, independente se fosse dele ou de outrem. Aqui se pode falar de um interesse “de rei” - interesse régio.

### O efeito do interesse no outro

Pudemos vivenciar isso numa iniciativa do trabalho conjunto em relação

às seções. Rudolf Steiner ainda começara, depois de ter dado à Escola Superior uma constituição membrada em seções, dando mais um passo e instituindo um trabalho em conjunto entre as seções. No curso “Médico Pastoral” foi orientado por ele o primeiro trabalho em conjunto de médicos e pastores, com vistas para um passo ampliado de trabalho em conjunto entre médicos, professores e pastores. Essa iniciativa primeiramente surgiu sem Heinz Zimmerman. Apareceu então a pergunta ainda aberta, mas enfim, decisiva: Como ele vai se posicionar frente à Seção Pedagógica mediante essa iniciativa que não foi a sua? Ele se colocou inteiramente a esse serviço, apesar de muitas coisas já se terem tornado realidade em sua concepção, mesmo que não correspondessem a todos os seus ideais. Sempre que se tratava de conhecimentos superiores ele não era amigo de grandes congressos. Ele dava então preferência a grupos de trabalho e de diálogo, até determinado tamanho. Mas, mesmo assim ele pôde reconhecer sem hesitar que aqui se tratava de levar para frente o impulso antroposófico. Falou então o destino: Nesses congressos da Escola Superior justamente os professores constituíram o maior grupo numérico - seus professores! Nisso revelou-se uma atuação de seu interesse nos impulsos e idéias de outras pessoas.

#### **Relação modificada**

Quem está interessado em outra pessoa na forma “de rei”, é pedagogo verdadeiro. Heinz Zimmermann não apenas era verdadeiro pedagogo para os jovens, porém também para os adultos. Isso pode ser percebido na sua colaboração no seminário de formação para pastores em Stuttgart. Ele, durante muitos anos em seus cursos, aproximou os jovens ao ministério da fala, da fala mântica e da fala cúllica.

Ele amava os estudantes - e os estudantes o amavam. E isso do lado dele não era apenas uma simpatia ‘inata’ em relação aos jovens, mas o amor à causa. Onde se vê esse tipo de amor entre professor e alunos é possível se realizar a verdadeira aprendizagem entre professor e alunos, isso no final das contas não é mais possível de distinguir tão nitidamente entre docentes e discentes. O docente só pode ensinar porque ele é um aluno. As experiências mais importantes em Heinz Zimmermann foram: o que atua nele não é simplesmente o que lhe foi dado ou recebido de presente, é algo que foi trabalhado e é verdadeiro. Seu interesse, seu amor, sua relação para com a Antroposofia eram verdadeiros.

Também o movimento antroposófico tem os seus santos. São aqueles onde a causa antroposófica se tornou viva, naqueles onde a Antroposofia não congelou em uma sabedoria fria, naqueles onde a Antroposofia não ficou submissa ao acaso pessoal, por se acreditar que depois de 100 anos a Antroposofia precisa ser abordada de forma nova, “diferente”. Onde a Antroposofia, porém,

trecho sobre antropologia antes de ir para o trabalho, ou à noite, antes de dormir rever por cinco minutos o que fizemos de mais importante no dia.

Fazer o exercício pelo menos por um mês, até que se estabeleça um ritmo, depois podemos ir acrescentando algo mais ao já conquistado.

O importante para o desenvolvimento da vontade é a **decisão** de escolher por onde começar. Temos que ser livres na ação e ter coragem para tomar uma decisão. Não é a quantidade, mas a persistência que nos ajuda na fortificação da vontade.

#### 3.) Desenvolvimento da “**fantasia pedagógica**”.

Exercitamos com o ritmo do meditar algo como uma digestão. Por intermédio dela temos um novo relacionamento com o âmbito noturno (consciência noturna), nossa alma se abre para o mundo espiritual e tem como efeito o que Rudolf Steiner chama de fantasia pedagógica, que nos dota de **presença de espírito**.

O primeiro e segundo passo soam como um pedido e o terceiro passo é uma benção do mundo espiritual.

Este exercício nos leva a grandes descobertas, adquirimos sensibilidade para os processos de decisão. Com ele cria-se uma consciência periférica, percebemos que no círculo das decisões estão as pessoas certas no momento certo, há características cármicas.

Quando conseguimos olhar o outro como alguém que exerce influência no nosso carma e vice versa passamos a ser participantes na construção das relações.

#### ***Um texto extraído de “Das Goetheanum” nº 43 de 04/02/1996.:***

*Nas instituições antroposóficas encontramos frequentemente o ideal da liberdade empregado unilateralmente como argumento, através do que é acobertado a própria arbitrariedade ou também a incapacidade de cooperação. Muitos conflitos são disputados sob a bandeira da vida espiritual livre, quando, na verdade, houve um desvio da política de formação de confiança que se faria necessária. “Em última análise, a vida espiritual livre baseia-se em ser capaz, não em ter permissão” escreve, com razão, Karl Martin Dietz. A contribuição seguinte refere-se a escolas Waldorf, porém as observações e conclusões facilmente podem ser transferidas para outras formas de comunidades.*

Heinz Zimmermann

de acertarmos.

Se pesarmos três a três, há duas possibilidades: os pratos estarem equilibrados na primeira pesagem, e a outra possibilidade de um dos pratos ser mais leve; então teremos 100% de chance de acertar na segunda pesagem.

Neste exemplo podemos notar um pensar que conta com isso ou aquilo, há exclusão, as bolas não podem se modificar no meio tempo, portanto contamos com algo morto. É um pensar lógico, discursivo, morto.

### 3. Pensar da alma da consciência:

Exemplo: Temos uma planta - semente-caule-folha-flor-fruto. Com o pensamento lógico dizemos que semente não é caule, caule não é folha, folha não é fruto, e assim sucessivamente. Estes são conceitos que justapostos excluem uns aos outros, este pensar nos cansa pois parte de um conceito morto.

Se observarmos o desenvolvimento da planta ao logo do ano, vemos que da semente surge o caule, do caule surge a folha, da folha a flor, da flor o fruto. Este é o princípio do **devir**, ao invés da justaposição. É este o tipo de pensar que precisamos desenvolver. Sabemos o que na planta já se formou e o que ainda se formará, é o passado e o presente nos ajudando na compreensão do futuro.

É assim que se formam os conceitos na Antroposofia, ela é cominho para o pensar vivo.

Segundo Rudolf Steiner a Antroposofia nos possibilita um trabalho antropológico em três níveis:

1. Recebemos os conteúdos antropológicos.

Entramos em contato com estes conteúdos através do estudo.

2. Meditamos ritmicamente estes conteúdos.

Receber o conteúdo é diferente de meditá-lo, precisamos vivenciá-lo não só recebê-lo com a cabeça.

Rudolf Steiner diz que bastam cinco minutos num dia para esta meditação. Mas será que temos a vontade de fazer isto por um tempo maior?

Vivemos em um tempo que não é propício para o cultivo da vontade, crianças e adultos estão com a vontade enfraquecida. Para chegarmos a fortificação da vontade e ter presença de espírito construindo um caminho interior precisamos fazer exercícios diários, repetidos e conscientes.

A meditação é como a alimentação, não podemos nos alimentar só uma vez por semana, o ritmo diário é necessário. O ritmo dá força, quando adquirimos um ritmo no fazer nós nos fortalecemos. Não há algo mais frustrante do que não conseguir realizar o que nos propomos.

Por isso devemos iniciar este processo com algo que se possa realizar, com algo pequeno. Precisamos ser fiéis com horário e meta. Por exemplo, ler um pequeno

vive realmente, lá ela sempre é contemporânea e orientada para o futuro - é “verdadeira”. Heinz Zimmermann sofria com os sintomas, tornando-se cada vez mais numerosos no meio do movimento antroposófico, o que indica uma busca de ser “contemporâneo” sem ter alcançado o chão seguro no reino do verdadeiro Espírito do Tempo. Ele se sentia profundamente comprometido com esse verdadeiro Espírito do Tempo, nisso se fundamenta o que nele podia se vivenciar como “verdadeiro”.

Agora que ele atravessou o limiar da morte, modifica-se sua relação conosco: Aqueles que estão ligados a ele, querem estar ligados a ele, tem uma tarefa. O “verdadeiro” em relação à Antroposofia ele busca em suas almas. E o que se torna perceptível por alguém que morreu, pode então ser fortalecido por meio das forças pessoais de cada um. Nós trazemos os frutos do trabalho - a outra parte os mortos acrescentam.

*Michael Debus é pastor da comunidade cristã e por muitos anos foi dirigente do seminário de formação de pastores em Stuttgart*



## BELEZA E BONDADE NO PENSAR

*Jon McAlice*

Na última vez que estive aqui, no salão grande, estava parado ao lado de Heinz Zimmermann. É um sentimento estranho estar agora aqui sozinho. Nós todos podemos sentir que ele agora não está mais aqui. Quando nós o procurávamos ele sempre estava à nossa disposição. Ele era tão aberto, tão disposto a envolver-se com as perguntas com as quais as pessoas chegavam, que no início do nosso trabalho conjunto eu quis lhe dar uma pequena placa de madeira sobre a qual estivesse escrito: “não”. Heinz Zimmermann não era capaz de dizer “não”. Ele sempre dizia sim.

Quando eu agora olho o salão, enxergo muitas pessoas que ou trabalharam intimamente com Heinz Zimmermann ou vivenciaram algo essencial com ele.

Em seguida a esse momento comemorativo um pouco mais interno, gostaríamos de convidá-los a trocar essas imagens e vivências para que, nos encontros - a alegria dos encontros que tiveram sua expressão tão maravilhosa na atuação terrena de Heinz Zimmermann - também aqui possam estar presentes.

### *Desvendando as fontes da atividade própria*

Eu tenho a grande sorte de ter vivenciado Heinz Zimmermann como professor, como colega e mais tarde como amigo. Ele era uma pessoa que tinha a capacidade de conduzir os outros para a atividade própria. Ele o fazia por meio da obra de Rudolf Steiner, assim que por meio disso o impulso se movia dentro de cada um: Isso eu também quero. Não como ele o fazia, porém: Eu também quero cuidar, cultivar e desenvolver essa fonte maravilhosa da atividade própria.

Heinz Zimmermann, portanto, teve a capacidade de fazer com que os outros despertassem em si próprios. E isso seguramente foi para mim o mais essencial em Heinz Zimmermann: que ele oferecia a possibilidade de fazer despertar-se mutuamente, não por meio do sacudir para acordar, porém por meio do tornar-se ativo em conjunto, portanto através do acordar no Espírito, por meio de que é possível uma nova forma de comunidade, a partir da atividade espiritual conjunta, não apenas a partir de convicção conjunta. Ele não buscava uma comunidade de convicção espiritual, mas uma comunidade de atividade espiritual.

Heinz Zimmermann o fez por meio da franqueza, da profundidade e da interioridade com o olhar para a liberdade do outro. Com o seu olhar para o que é possível ele abriu possibilidades que de outra forma não se manifestariam.

Heinz Zimmermann foi uma pessoa incrivelmente produtiva. Ele, nos mais diversos âmbitos, deu contribuições essenciais: na pedagogia antroposófica para a compreensão do terceiro e quarto setênios, da gramática, da arte, da fala, e para o

precisamos desenvolver a presença de espírito.

Como desenvolver a presença de espírito?

No final de um período letivo todos estão cansados. Em quais condições nos cansamos ou descansamos?

A criança raramente se cansa, tem muito mais energia do que o adulto porque se entrega por inteiro ao que está fazendo. Quanto maior o interesse no que se faz menor será o cansaço. Este é o mistério da estruturação do tempo. O tempo não é algo objetivo, mas subjetivo. Um minuto no dentista com uma broca no dente não é igual a um minuto em um concerto. O tempo é qualitativo e não quantitativo. Há o tempo vazio que cansa. O tempo abarrotado que é aquele que não me permite ouvir ou perceber o outro tamanha a premência de algo que tenho a fazer ou dizer. Economizar tempo significa fazer o que se tem que fazer no momento certo, isso é presença de espírito.

O deus grego Cairos é o deus do momento correto, este momento está fora do tempo, é um contato imediato com algo espiritual, um instante preenchido. Só se consegue entrar nesta esfera de tempo preenchido quando há leveza.

A força de encarnação que vem de cima para baixo nos deixa pesados. A força da gravidade faz surgir o pensar autônomo, analítico, crítico. Este pensar intelectual começa a ser notado nas crianças do 9º ano. As crianças no 6º ano ainda são leves e ágeis. Como readquirir a força vital já que a consciência nos torna pesados?

Será possível readquirir essa força vital se transformarmos as forças da consciência em forças que vêm de baixo para cima, como na planta. A forma natural de adquirir leveza, que nos empurra de baixo para cima está no entusiasmo, que perece se não for renovado.

Como conseguimos permanecer com o “fogo interno” como se estivéssemos sempre apaixonados? Como podemos reavivar as forças vitais que tínhamos quando éramos pequenos?

Para isso observemos os diferentes níveis do pensar:

1. Pensar da alma da sensação:

Nível básico do pensamento. O pensar é dirigido pelas sensações imediatas, é associativo, não desenvolve grandes idéias, é o pensar cotidiano.

Exemplo: Quando cozinhamos surgem todos os tipos de pensamentos, são imagens que surgem acompanhadas de um “falar consigo mesmo”, um murmurar.

2. Pensar da alma da razão:

Exemplo: temos 8 bolinhas, todas do mesmo tamanho e cor, porém uma delas é mais leve. Como saber qual a bolinha mais leve com apenas duas pesagens?

Se pesarmos quatro e quatro, depois duas e duas temos 50% de chance

*Alma da Consciência:* A primeira vivência da Alma da Consciência é uma grande solidão, queremos nos libertar do “Faraó”, da “organização e das regras”.

O que sobra? Quem sou Eu agora?

Primeira possibilidade: precisamos nos impor em relação aos outros, surge um egoísmo, é a luta de todos contra todos. A segunda possibilidade é ser um **ponto**, fonte de uma nova forma de relacionamento. Se este **ponto** é ativo há uma infinidade de forças para constituir encontros, há a percepção que se pode ser mais do que se é agora.

*Ponto zero(solidão)(eu)*

Novas oportunidades de relações.

A auto-educação, a transformação interior tanto pode constituir um meio de criar uma nova comunidade, como podem implicar em um contato com algo mais elevado. O professor quando leciona está sempre falando: escreve, senta, levanta, etc. Só é legítimo querer algo do aluno se o professor quer algo de si mesmo. Os alunos têm que se sentir que o professor está se desenvolvendo. O professor tem para aprender da criança tanto quanto a ensina. Veja uma criança que aprende a levantar-se, ela repete e repete o movimento várias vezes, persiste, uma qualidade que o adulto às vezes não tem. A admiração pelo mundo, olhar o céu estrelado a natureza.

*Persistência e admiração*, essas são qualidade do caminho meditativo.

Como voltar ao estado da criança enquanto adulto, sem voltar para trás, indo para o futuro? Tudo aquilo que foi dádiva agora teremos que conquistar.

Evidente que as relações com alunos, filhos, colegas, professores constituem o nosso carma. Tudo o que somos agora, os fatores que nos fizeram ser como somos fazem parte de uma trama de destinos.

Qual foi a contribuição de cada um nos relacionamentos? Não conseguimos nos imaginar fora do ambiente com os outros. Este é o primeiro passo para reconhecer o carma, o passo seguinte é reconhecer que o que vem ao meu encontro sou eu mesmo, o meu Eu superior, assim amplio o meu Eu do centro para a periferia.

Rudolf Steiner sugeriu um exercício para podermos ir do centro à periferia: Passo pela rua e cai um tijolo no meu ombro, imaginemos que nós mesmos subimos no telhado e deixamos cair o tijolo em nós. Se fizermos esse exercício diariamente, não só com o tijolo, tornamo-nos periferia. É o que acontece toda à noite, é o exercício para o **adormecer consciente**.

Para pararmos de reagir e começarmos a agir realizando o que queremos,

caminho iniciático. Mesmo assim não se tinha o sentimento de poder encontrar o gesto primordial de seu caminho de vida naquilo que ele realizou. Querendo encontrar seu caminho de vida é preciso olhar para aquilo que ele almejava. Ele era uma pessoa que sempre buscava uma meta para uma nova possibilidade, para uma nova qualidade, para uma nova luz espiritual.

Ele era, no melhor sentido da palavra, um ser humano que se exercitava. E apesar de se dedicar inteiramente às tarefas que a vida lhe proporcionava, é preciso enxergar nesse trabalho interior sua obra principal.

*Do rigor à bondade*

Heinz Zimmermann era pensador, um pensador por completo. Ele não tinha muita paciência quando não se acompanhava o seu pensar (ou, ao menos, buscasse pensar junto com ele). Esse pensar tinha de sua parte inicialmente um determinado rigor que podia aparecer em pequenas observações. Mas ao acompanhá-lo durante os anos era possível perceber como ele transformara o pensar. Inicialmente ele dava atenção ao movimento do pensar. Ele começou a pensar não apenas com clareza, mas também pensar bonito: na estrutura e na fala, na palavra certa, no exemplo certo, na imagem certa. Com essa beleza o seu pensar tornou-se cada vez mais estruturado, tornou-se de certa forma transparente. Os pensamentos se transformaram, não apenas foram movimentados, tornaram-se vivos. Ele tinha a possibilidade de desenvolver um pensamento vivo. Então o pensamento estava presente de forma “palpável”. Heinz Zimmermann viveu para dentro dessa ação viva, adentrando o vir a ser do pensar vivo. E sua vida pensamental continuou transformando-se: o pensar tornou-se um cálice dentro do qual o outro podia se manifestar. Ele tornou-se cada vez mais cordial - a bondade falava através dele.

Eu gostaria de concluir com uma imagem: Heinz Zimmermann e eu muitas vezes fazíamos caminhadas. Ele amava as montanhas. E ao caminhar com ele vivenciava-se um outro Heinz. Toda a sua quietude adquiria essencialidade. Ele permeava a natureza com o seu ser de uma forma que se tinha a sensação de que ele a interiorizava, sugava para dentro de si tudo o que havia de espiritualidade dentro da natureza. Certa vez nós nos encontrávamos no vale superior do Reno, numa região acima de Disentis. Lá a paisagem não é plana, porém cheia de colinas, ao lado do caminho o terreno sobe. Eu me encontrava um pouco atrás dele e via como ele parou na luz do sol, inclinou-se para frente. Eu me aproximei. E o vi face a face com uma flor chamada genciana (for azul dos Alpes). Os senhores podem imaginar quão bonito foi esse aspecto.

*Jon McAlice durante doze anos foi colaborador de Zimmermann na seção pedagógica.*

## INTERESSE NAQUILO QUE ESTÁ ENTRE

*Florian Osswald*

Unindo-me a Jon McAlice, posso dizer: Heinz Zimmermann foi o meu professor, e tornou-se cada vez mais o meu amigo. O tornar-se amigo foi um longo processo. Heinz Zimmermann amava o processo evolucionário. No seminário de professores nós o vivenciávamos como o mestre em fazer perguntas.

Onde nós encerrávamos com as nossas perguntas, começavam as dele. Assim como aqui no salão grande fluem as suas perguntas como luzes coloridas na escuridão das nossas

“perguntas” respondidas. Sempre novamente acontecia que, sem criticar, reconduzia o tema objetivamente ao que importava. Ele vivia uma grande tolerância.

Ele era capaz de ouvir por longo tempo, era capaz de silenciar longamente. Mesmo assim era possível perceber: aqui acontece algo. Ele encorajava as outras pessoas de sua maneira peculiar. Silencioso, sem exigência, com grande crédito de confiança e idéias prestava atenção, acompanhava muitas pessoas em seu círculo. Em certo congresso nós dois tínhamos que dar uma palestra. Eu fui o primeiro. Ansioso esperava por seu comentário. “Hoje você fez a minha palestra,” disse Heinz Zimmermann, “agora tenho de ir para casa e preparar uma nova palestra”. Fiquei surpreso e ao mesmo tempo curioso a respeito do que ele diria em sua palestra. E o que veio foi típico de Heinz Zimmermann. Ele poderia ter colocado, ao lado do meu pequeno ramalhete de flores, outras flores bonitas, coloridas, grandes que chamariam toda a atenção sobre si, mas não foi isso que ele fez. Ele se absteve totalmente e preparou o chão, o chão onde podem crescer flores. Ele trabalhou o futuro. Sim, o futuro e O seu pai, o tempo.

### **Questões em relação à essência do tempo**

Muitas vezes nós falávamos horas a fio sobre as questões do tempo, sobre a arte do tempo, o que é o tempo na arte. Dar aula também é uma arte do tempo. Como estruturamos aqui o tempo? E o fluxo do tempo em sentido contrário era para Heinz Zimmermann o mais eminente que Rudolf Steiner desenvolveu. Isso seria verdadeiramente novo. Nisso ainda nós teríamos que pesquisar, lá ainda existiria uma semente pouco percebida. Atualmente é alto verão. Lá fora os frutos estão maduros. Tem aspecto de colheita. Heinz Zimmermann teria se alegrado com os frutos, contudo o seu interesse pertenceu à semente.

*Florian Osswald dirige com Claus Peter Röh a  
Seção Pedagógica no Goetheanum*

3º) Encontros em instituições com interferência de poder e hierarquia. A pessoa se resguarda por trás do anonimato da instituição, não procura a verdade baseada no que sabe, conhece, estudou, mas posiciona-se diante do que é conveniente.

Exemplo: A conferência dos professores decidiu..., a pedagogia Waldorf afirma..., a Antroposofia diz que..., Rudolf Steiner falou que.....

4º) Encontros com talentos e qualidades alheias. Posso reconhecer e admirar os talentos dos outros? Precisamos de autoconhecimento para superar a inveja, ambição, etc.

Exemplo: O colega da classe paralela tem excelente relacionamento com os pais, outro colega desenvolve boa oratória, etc.

5º) Encontros de amizade, casamento, coleguismo, com os alunos, onde na relação há um profundo conhecimento do outro e vice-versa. Há a sensação de que a relação é antiga. Como lidar com uma relação que é uma benção? Há uma lei neste relacionamento: se não o trabalharmos ele se extingue.

Exemplo: Um relacionamento primeiro é ótimo, depois nos acostumamos, depois passa a ser uma relação burguesa para logo após acabar.

Como podemos conscientemente constituir os encontros do destino?

1º) Superando o autismo natural.

Entende-se por autismo natural o estar preso aos próprios julgamentos convencionais, viver na própria prisão de imagens e representações que nos impossibilita o contato com o outro. Fazemos projeção de papéis. É como se só inspirássemos.

2º) Regulando os sentimentos espontâneos, sem nos tornarmos frios.

3º) Superando o passado para estar aberto para o futuro.

Tem-se a imagem cristalizada de alguém devemos considerar o fato que todo o ser humano cresce e se modifica.

Consideremos três capacidades naturais da alma:

*Alma da Sensação:* a pessoa vive no presente imediato das sensações, movida pelo entusiasmo, espontaneidade, calor, intensidade. Procura sempre uma instância superior que lhe diga o que fazer. Há um ambiente caloroso, mas sem autonomia, a vida comunitária é fácil, ouve-se muito o que os outros dizem.

Imagem primordial do Antigo Egito, onde o Faraó regia tudo. Há uma relação de cima para baixo.

*Alma da Razão:* Entra mais intensamente o elemento cognitivo, tudo é mais ordenado, regrado, frio. Não há mais entusiasmo nem espontaneidade. A vida comunitária ainda é fácil, mas será que há inspiração? Imagem primordial da Antiga Roma.

## A QUESTÃO DA MEDITAÇÃO DO PROFESSOR

*Anotações de Cristina Mansberger*

No sábado dia 4 e domingo dia 5 de julho o professor Zimmermann, um dos diretores da Sociedade Antroposófica Universal, foi convidado pela Federação das Escolas Waldorf no Brasil a ministrar um workshop para professores e interessados, abordando a questão meditativa.

Ele iniciou a palestra dizendo que o pedagogo é um especialista em encontros sociais, pois mantém contato com pais, alunos, colegas.

Será que construímos estes encontros ou só reagimos a eles? Hoje em dia reagimos mais do que agimos.

Algo biográfico: como aluno o professor Zimmermann já sabia que queria ser professor da sua escola, esta, já contava com ele para ser professor do colegial. Após a conclusão do curso acadêmico e concluir a tese de doutoramento ele recebeu um convite para a universidade e chegou-lhe também a pergunta da escola sobre sua vinda para compor o grupo de professores. Após muitas considerações e consultas a colegas ele havia decidido ficar na universidade. No entanto, quando foi colocar sua decisão para a conferência interna daquela escola disse que começaria a trabalhar na próxima primavera. O orgulho e a vaidade disseram-lhe que deveria ficar na universidade, mas, um impulso maior fez com que tomasse a decisão de ficar na escola Waldorf.

Lidamos constantemente com dois estados de consciência: a diurna, aquela que é uma mistura de medo, orgulho, vaidade e que sempre vem aliada a argumentos, e a consciência noturna, aquela instância mais inconsciente, mais inteligente com a qual o professor Waldorf deve trabalhar. A batalha entre essas duas instâncias gera autoconsciência. O estudo da Antroposofia fortalece a consciência noturna e conseqüentemente cria forças para irmos contra a correnteza, auxilia nas decisões, no impulso da criatividade e na leveza no trabalho.

Em nosso cotidiano lidamos com situações exteriores que nos fazem reagir, como podemos transformar reação em ação? Como trabalhar para constituir os encontros e não ser constituído por eles?

Existem diversos níveis de encontros:

1º) Encontros com base no egoísmo, onde um outro ser humano me atrapalha.

Exemplo: Temos dois pedaços de bolo e três pessoas para reparti-lo.

2º) Encontros baseados na simpatia ou antipatia espontânea.

Exemplo: O tom de voz, o jeito, o cabelo, algo no outro me incomoda de antemão.

## Transcrições de palestras e outros conteúdos do próprio homenageado

### A QUESTÃO MEDITATIVA

Palestra de Heinz Zimmermann  
*Anotações de Cristina Mannsberger*

No sábado, dia 4, e domingo, dia 5 de julho, o professor Zimmermann, um dos diretores da Sociedade Antroposófica Universal, foi convidado pela Federação das Escolas Waldorf do Brasil a ministrar um workshop para professores e interessados, abordando a questão meditativa.

Ele iniciou a palestra dizendo que o pedagogo é um especialista em encontros sociais, pois mantém contato com pais, alunos, colegas.

Será que construímos estes encontros ou só reagimos a eles? Hoje em dia reagimos mais do que agimos.

Algo biográfico: como aluno, o professor Zimmermann já sabia que queria ser professor da sua escola; esta já contava com ele para ser professor do colegial. Após a conclusão do curso acadêmico e concluir a tese de doutoramento ele recebeu um convite para a universidade e chegou-lhe também a pergunta da escola sobre sua vinda para compor o grupo de professores. Após muitas considerações e consultas a colegas ele havia decidido ficar na universidade. No entanto, quando foi colocar sua decisão para a conferência interna daquela escola disse que começaria a trabalhar na próxima primavera. O orgulho e a vaidade disseram-lhe que



*Será que é uma brasileira?*

deveria ficar na universidade, mas, um impulso maior fez com que tomasse a decisão de ficar na escola Waldorf.

Lidamos constantemente com dois estados de consciência: a diurna, aquela que é uma mistura de medo, orgulho, vaidade e que sempre vem aliada a argumentos, e a consciência noturna, aquela instância mais inconsciente, mais inteligente com a qual o professor Waldorf deve trabalhar. A batalha entre essas duas instâncias gera autoconsciência. O estudo da Antroposofia fortalece a consciência noturna e consequentemente cria forças para irmos contra a correnteza, auxilia nas decisões, no impulso da criatividade e na leveza do trabalho.

Em nosso cotidiano lidamos com situações exteriores que nos fazem reagir, como podemos transformar reação em ação? Como trabalhar para constituir os encontros e não ser constituído por eles?

Existem diversos níveis de encontros:

1º- Encontros com base no egoísmo, onde um outro ser humano me atrapalha.

Exemplo : Temos dois pedaços de bolo e três pessoas para reparti-lo.

2º- Encontros baseados na simpatia ou antipatia espontânea.

Exemplo: O tom de voz , o jeito, o cabelo, algo no outro me incomoda de antemão.

3º- Encontros em instituições com interferência de poder e hierarquia. A pessoa se resguarda por trás do anonimato da instituição, não procura a verdade baseada no que sabe, conhece, estudou, mas posiciona-se diante do que é conveniente.

Exemplo: A conferência dos professores decidiu..., a pedagogia Waldorf afirma..., a Antroposofia diz que..., Rudolf Steiner falou que...

4º Encontros com talentos e qualidades alheias. Posso reconhecer e admirar os talentos dos outros? Precisamos de autoconhecimento para superar a inveja, ambição, etc.

Exemplo: O colega da classe paralela tem excelente relacionamento com os pais, outro colega desenvolve boa oratória, etc.

5º) Encontros de amizade, casamento, coleguismo, com os alunos, onde na relação há um profundo conhecimento do outro e vice-versa. Há a sensação de que a relação é antiga. Como lidar com uma relação que é uma benção? Há uma lei neste relacionamento: se não o trabalharmos ele se extingue.

Exemplo: Primeiramente, um relacionamento é ótimo, depois nos acostumamos, depois passa a ser uma relação burguesa para logo após acabar.

Como podemos conscientemente constituir os encontros do destino?

1º - Superando o autismo natural.

encontramos no início a prece a essas três entidades superiores.

No final, os sete ideais e entre eles a Antropologia. Portanto podemos dizer que o caminho para as Hierarquias passa através dos ideais, e os ideais são formados a partir do estudo do Homem.

Ainda gostaria de caracterizar uma última qualidade. Podemos fazer a pergunta: Não existe também quem abranja o destino de toda a humanidade? Existe o destino individual, existe o destino da comunidade e o destino do tempo. Existe também um destino da humanidade? Existe um ser que guia a humanidade como um Eu? Fazendo essa pergunta chegaremos aos mais profundos mistérios, então chegamos a Cristo. Vemos ao mesmo tempo como na atualidade Micael é o ser guia para Cristo. É como o sol que tem luz e calor. Micael é o espírito da luz. Cristo é o espírito do amor. E agora a nossa tarefa como seres humanos é a de unir a luz com o calor. A luz, nós alcançamos através do estudo da Antropologia, através da Antroposofia; o calor nós mesmos temos que desenvolver.

Gostaria de encerrar esse ciclo de palestras com uma observação pessoal. Eu pude acompanhar por muitos anos o movimento escolar da América do Sul. É maravilhoso ver quão forte vive o impulso de estudar o *-Antropologia Geral – O estudo do Homem-*. Essa é a qualidade da luz. E o mais maravilhoso que vocês todos trazem para nós é o calor. Chegando da Europa para a América do Sul, sempre temos a sensação de que o coração se abre. Existe a presença do sentido artístico, há uma disposição para receber algo novo. Isso é algo bem especial que eu não gostaria de expressar como um julgamento dos professores sul-americanos, mas como amizade, sinto esse elemento de calor como uma qualidade para a totalidade do movimento escolar do mundo. Sou profundamente grato e espero com prazer por um novo trabalho em conjunto.

Fim



criança para tornar-se um ser livre. E a nossa tarefa nessa idade é justamente lutar pelo espaço de proteção para essa criança. Qual é a finalidade dessa luta? É a luta contra a individualidade livre, pelo homem livre que pode se autodeterminar. Claro, em toda parte no mundo podemos enxergar esse dragão que luta. Mas basta sermos apenas um pouco sinceros e vamos encontrar esse dragão dentro de nós, assim que podemos dizer que a qualidade de Micael é a inspiração para a luta por um ser humano livre. E isso nós enxergamos nessa imaginação, dada no início da Antropologia Geral.

*Ao anjo pedimos a força para a nossa tarefa*

*Ao arcanjo pedimos por coragem para a comunidade*

*Ao ser arqueu, espírito do tempo, pedimos uma gota de luz.*

*Força – Coragem – Luz*

Força para nós próprios; coragem para a comunidade e luz para o espírito do tempo, para toda a vida cultural.

Agora podemos tentar na lousa traçar os paralelos:

O paralelo para a terceira Hierarquia – anjos - renovação – compromisso – interesse – iniciativa – responsabilidade anímica – coragem para a verdade – capacidade de fantasia.

Anjo – fantasia

Arcanjo – veracidade – compromisso

Arqueu – responsabilidade de atuar

(isso Rudolf Steiner não falou). Mas podemos dizer que no mundo espiritual tudo se permeia.

Quero agora tentar apresentar a minha versão. O mais importante para as aulas diárias, para que eu tenha a força que necessito, a fantasia, para que eu tenha as idéias certas, que me mantenha jovem, isso é para mim a qualidade do anjo.

Agora vem o segundo. Para que eu tenha a coragem para a verdade. A verdade vale para todos no mundo inteiro. É algo bem impessoal, é algo da humanidade. Isso para mim é a qualidade do espírito do tempo.

Responsabilidade anímica – entro no âmbito social – meu interesse tem que ir além de mim, ir ao mundo, ir para a comunidade. Aqui, trata-se da qualidade do arcanjo. Essa interpretação ainda pode ser reforçada pela Antropologia Geral inteira. Pois temos o fluxo da fantasia junto com o sangue; temos além, a polaridade do fluxo do nervo – a verdade. E como terceiro temos o meio entre os dois, então também aqui temos os dois contrastes e, como terceiro elemento, o meio. Olhando para a concepção arquitetônica da Antropologia, em geral,

Entende-se por autismo natural o estar preso aos próprios julgamentos convencionais, viver na própria prisão de imagens e representações que nos impossibilita o contato com o outro. Fazemos projeção de papéis. É como se só inspirássemos.

2º - Regulando os sentimentos espontâneos, sem nos tornarmos frios.

3º - Superando o passado para estar aberto para o futuro.

Tem-se a imagem cristalizada de alguém; devemos considerar o fato de que todo o ser humano cresce e se modifica.

Consideremos três capacidades naturais da alma:

Alma da Sensação: a pessoa vive no presente imediato das sensações, movida pelo entusiasmo, espontaneidade, calor, intensidade. Procura sempre uma instância superior que lhe diga o que fazer. Há um ambiente caloroso, mas sem autonomia, a vida comunitária é fácil, ouve-se muito o que os outros dizem.

Imagem primordial do Antigo Egito, onde o Faraó regia tudo. Há uma relação de cima para baixo.

Alma da Razão: Entra mais intensamente o elemento cognitivo, tudo é mais ordenado, regrado, frio. Não há mais entusiasmo nem espontaneidade. A vida comunitária ainda é fácil, mas será que há inspiração? Imagem primordial da Antiga Roma.

Alma da Consciência: A primeira vivência da Alma da Consciência é uma grande solidão, queremos nos libertar do “Faraó”, da “organização e das regras”. O que sobra? Quem sou Eu agora?

Primeira possibilidade: precisamos nos impor em relação aos outros, surge um egoísmo, é a luta de todos contra todos. A segunda possibilidade é ser um **ponto**, fonte de uma nova forma de relacionamento. Se este **ponto** é ativo há uma infinidade de forças para constituir encontros, há a percepção de que se pode ser mais do que se é agora.

A auto-educação e a transformação interior tanto podem constituir um meio de criar uma nova comunidade, como podem implicar em um contato com algo mais elevado. O professor quando leciona está sempre falando: escreve, senta, levanta, etc. Só é legítimo querer algo do aluno se o professor quer algo de si mesmo. Os alunos têm de sentir que o professor está se desenvolvendo. O professor aprende da criança tanto quanto a ela ensina. Veja uma criança que aprende a levantar-se, ela repete e repete o movimento várias vezes, persiste, uma qualidade que o adulto às vezes não tem. A admiração pelo mundo, olhar o céu estrelado, a natureza.

Persistência e admiração, essas são qualidades do caminho meditativo.

Como voltar ao estado da criança enquanto adulto, sem voltar para trás, indo

para o futuro? Tudo aquilo que foi dádiva agora teremos que conquistar.

Evidente que as relações com alunos, filhos, colegas, professores constituem o nosso carma. Tudo o que somos agora, os fatores que nos fizeram ser como somos fazem parte de uma trama de destinos.

Qual foi a contribuição de cada um nos relacionamentos? Não conseguimos nos imaginar fora do ambiente com os outros. Este é o primeiro passo para reconhecer o carma, o passo seguinte é reconhecer que o que vem ao meu encontro sou eu mesmo, o meu Eu superior, assim amplio o meu Eu do centro para a periferia.

Rudolf Steiner sugeriu um exercício para podermos ir do centro à periferia: Passo pela rua e cai um tijolo no meu ombro, imaginemos que nós mesmos subimos no telhado e deixamos cair o tijolo em nós. Se fizermos esse exercício diariamente, não só com o tijolo, tornamo-nos periferia. É o que acontece toda noite, é o exercício para o **adormecer consciente**.

Para pararmos de reagir e começarmos a agir realizando o que queremos, precisamos desenvolver a presença de espírito.

Como desenvolver a presença de espírito?

No final de um período letivo todos estão cansados. Em quais condições nos cansamos ou descansamos?

A criança raramente se cansa, tem muito mais energia do que o adulto porque se entrega por inteiro ao que está fazendo. Quanto maior o interesse no que se faz menor será o cansaço. Este é o mistério da estruturação do tempo. O tempo não é algo objetivo, mas subjetivo. Um minuto no dentista com uma broca no dente não é igual a um minuto em um concerto. O tempo é qualitativo e não quantitativo. Há o tempo vazio que cansa. O tempo abarrotado que é aquele que não me permite ouvir ou perceber o outro, tamanha a premência de algo que tenho a fazer ou dizer. Economizar tempo significa fazer o que se tem que fazer no momento certo, isso é presença de espírito.

O deus grego Kairós é o deus do momento correto, este momento está fora do tempo, é um contato imediato com algo espiritual, um instante preenchido. Só se consegue entrar nesta esfera de tempo preenchido quando há leveza.

A força de encarnação que vem de cima para baixo nos deixa pesados. A força da gravidade faz surgir o pensar autônomo, analítico, crítico. Este pensar intelectual começa a ser notado nas crianças do 9º ano. As crianças no 6º ano ainda são leves e ágeis. Como readquirir a força vital já que a consciência nos torna pesados?

Será possível readquirir essa força vital se transformarmos as forças da consciência em forças que vêm de baixo para cima, como na planta? A forma

o organismo da escola. Chegando eu a uma escola não tenho a mesma relação com cada um dos meus colegas, mas a escola como um todo tem uma meta própria e um destino próprio. Eu conheço escolas que nunca têm problema em encontrar professores, possuem uma atração secreta. Há escolas que quando se entra, há atmosfera alegre e há escolas onde se tem o sentimento de um incrível peso. Uma escola também tem uma biografia. Quem é o ser que é o sujeito dessa biografia? Não é uma pessoa individual, mas é uma comunidade inteira. Tão logo chegamos ao eu, ao tu e aos outros, à comunidade, adentramos outro degrau hierárquico. A essa qualidade chamamos, segundo uma transmissão cristã antiga, de arcanjo. Significa – o espírito de uma comunidade. Cada comunidade também tem um ser superior que está vinculado a essa comunidade. E é muito importante para cada escola que se zele por esse ser superior da comunidade. Por exemplo, de sempre chamar à lembrança os professores que já passaram o limiar. Também estudar a biografia de sua escola, por exemplo, perguntando aos colegas mais velhos de como aconteceu a fundação, como foi esse momento. Meu antecessor na seção pedagógica, Jörgen Smit, costumava perguntar à mãe: “como foi o nascimento dessa criança? Foi um parto difícil, a criança de repente estava aí”? Considerava que era essencial para a biografia da criança saber como foi o parto. O mesmo acontece com uma escola. A maneira como se dá a fundação de uma escola a acompanha por muitos anos. Conheço uma escola que foi fundada numa situação bem conflituosa, ela agora tem cinquenta anos, mas sempre ainda os conflitos da fundação continuam agindo, apesar das pessoas serem totalmente outras.

Não só existe um destino individual, não só um destino da comunidade. Encontramos um destino de tempo bem diferente se vivemos na Idade Média ou no século XXI. E esse destino do tempo novamente é impulsionado e inspirado por um ser hierárquico. Esse ser na terminologia cristã chamamos de arqueus (ou principados). Hoje de manhã já falei que o atual espírito do tempo é Micael. Sim, Rudolf Steiner expõe que o arcanjo Micael, em 1879, se elevou de um ser de arcanjo para arqueu e que ele é o ser inspirador da nossa época.

Se perguntarmos: qual é a qualidade da nossa época? Essa é a maior pergunta. Podemos dizer que isso se vê especialmente nas sombras. Lá onde existem grandes sombras, também há uma clara luz. Mas a sombra chama muito mais atenção quando apenas olhamos para o mundo físico. Fazendo a pergunta a partir da nossa profissão de educador: o que é mais fortemente combatido? Podemos dizer: É a criança. Já no nascimento somos manipulados, depois durante todo o espaço de tempo, do jardim de infância ao primeiro setênio, com os problemas de toda a tecnologia. Existe um tremendo ataque sobre o desenvolvimento da

sempre é liberal.

Isso também acontece nas conferências dos professores quando se diz: “sim, eu também acho isso”! Vem o outro e diz: “impossível”! O anterior novamente fala: “Sim, eu também acho”! Podemos falar aqui de falta de ponto de vista. Qual é o remédio? – *Nunca feche um compromisso com o não verdadeiro*. Quer dizer: Você mesmo precisa ter uma identidade; você representa a pedagogia Waldorf, você tem a convicção e para ela você precisa ter clareza. E novamente vem uma unilateralidade que se consiste em, tendo uma convicção bem forte, que essa convicção venha a ter a tendência de tornar-se dogmática. Rudolf Steiner disse e hoje também temos que fazer o que Rudolf Steiner disse em 1919. Qual é o lenitivo? – *Renovação!* – *Não ressecar e não azedar*. Vimos que sempre precisamos buscar o equilíbrio. Agora acrescentaremos aos três cima:

*Capacidade de fantasia;*

*Coragem para a verdade;*

*Percepção para responsabilidade anímica.*

Lidamos agora com sete. E olhando bem para estas sete talvez algo chame a atenção.

Coragem para a verdade (*Responsabilidade*) *Eu não* assumir compromisso com o não verdadeiro. Em verdade é o mesmo.

Ao mesmo tempo veremos que responsabilidade anímica é a responsabilidade com o tu, com o outro, pela alma da criança. Essa é a qualidade do interesse. E obviamente, a capacidade de fantasia e a capacidade de renovação também estão ligadas. Não tendo mais fantasia nos tornamos cinzas, secos e velhos. Portanto fantasia significa renovação.

Abordando agora o meio: muitas iniciativas como representante do Eu. Agora chegamos à terceira hierarquia. Aqui gostaria de descrever um pouco a qualidade dessa terceira hierarquia.

Pode-se dizer que cada pessoa tem um destino individual e vocês, recordando como vocês chegaram à escola Waldorf, verão que são encontros que não foram feitos a partir da cabeça. Há uma instância superior que nos leva aos lugares para ter os encontros que pertencem ao nosso destino. E em toda parte, lá onde nós ainda não estamos desenvolvidos para poder agir a partir de total liberdade, há um ser superior que acompanha o nosso destino. Esse ser podemos chamar de anjo. Por conseguinte podemos dizer que é o anjo da guarda do espírito do destino individual. Mas o ser humano não é o único ser que caminha sobre Terra. Eu ainda encontro outras pessoas. Eu até sou entrelaçado com muitas outras pessoas, me encontro em uma rede de destino e uma dessas redes de destino é

natural de adquirir leveza, que nos empurra de baixo para cima está no entusiasmo, que perece se não for renovado.

Como conseguimos permanecer com o “fogo interno” como se estivéssemos sempre apaixonados? Como podemos reavivar as forças vitais que tínhamos quando éramos pequenos?

Para isso observemos os diferentes níveis do pensar:

1.) Pensar da alma da sensação:

Nível básico do pensamento. O pensar é dirigido pelas sensações imediatas, é associativo, não desenvolve grandes idéias, é o pensar cotidiano.

Exemplo: Quando cozinhamos surgem todos os tipos de pensamentos, são imagens que surgem acompanhadas de um “falar consigo mesmo”, um murmurar.

2.) Pensar da alma da razão:

Exemplo: temos 8 bolinhas, todas do mesmo tamanho e cor, porém uma delas é mais leve. Como saber qual a bolinha mais leve com apenas duas pesagens?

Se pesarmos quatro e quatro, depois duas e duas temos 50% de chance de acertarmos.

Se pesarmos três a três, há duas possibilidades: os pratos estarem equilibrados na primeira pesagem, e a outra possibilidade de um dos pratos ser mais leve; então teremos 100% de chance de acertar na segunda pesagem.

Neste exemplo podemos notar um pensar que conta com isso ou aquilo, há exclusão, as bolas não podem se modificar no meio tempo, portanto contamos com algo morto. É um pensar lógico, discursivo, morto.

Pensar da alma da consciência:

Exemplo: Temos uma planta - semente-caule-folha-flor-fruto. Com o pensamento lógico dizemos que semente não é caule, caule não é folha, folha não é fruto, e assim sucessivamente. Estes são conceitos que justapostos excluem uns aos outros, este pensar nos cansa, pois parte de um conceito morto.

Se observarmos o desenvolvimento da planta ao longo do ano, vemos que da semente surge o caule, do caule surge a folha, da folha a flor, da flor o fruto. Este é o princípio do **devir**, ao invés da justaposição. É este o tipo de pensar que precisamos desenvolver. Sabemos o que na planta já se formou e o que ainda se formará, é o passado e o presente nos ajudando na compreensão do futuro.

É assim que se formam os conceitos na Antroposofia, ela é cominho para o pensar vivo.

Segundo Rudolf Steiner a Antroposofia nos possibilita um trabalho antropológico em três níveis:

1.) Recebemos os conteúdos antropológicos.

Entramos em contato com estes conteúdos por meio do estudo.

2.) Meditamos ritmicamente estes conteúdos.

Receber o conteúdo é diferente de meditá-lo, precisamos vivenciá-lo e não só recebê-lo com a cabeça.

Rudolf Steiner diz que bastam cinco minutos num dia para esta meditação. Mas será que temos a vontade de fazer isto por um tempo maior?

Vivemos em um tempo que não é propício para o cultivo da vontade, crianças e adultos estão com a vontade enfraquecida. Para chegarmos à fortificação da vontade e ter presença de espírito construindo um caminho interior precisamos fazer exercícios diários, repetidos e conscientes.

A meditação é como a alimentação, não podemos nos alimentar só uma vez por semana, o ritmo diário é necessário. O ritmo dá força, quando adquirimos um ritmo no fazer nos fortalecemos. Não há algo mais frustrante do que não conseguir realizar o que nos propomos.

Por isso devemos iniciar este processo com algo que se possa realizar, com algo pequeno. Precisamos ser fiéis com horário e meta. Por exemplo, ler um pequeno trecho sobre antropologia antes de ir para o trabalho, ou à noite, antes de dormir rever por cinco minutos o que fizemos de mais importante no dia.

Fazer o exercício pelo menos por um mês, até que se estabeleça um ritmo, depois podemos ir acrescentando algo mais ao já conquistado.

O importante para o desenvolvimento da vontade é a **decisão** de escolher por onde começar. Temos que ser livres na ação e ter coragem para tomar uma decisão. Não é a quantidade mas a persistência que nos ajuda na fortificação da vontade.

3.) Desenvolvimento da “fantasia pedagógica”.

Exercitamos com o ritmo do meditar algo como uma digestão. Por intermédio dela temos um novo relacionamento com o âmbito noturno (consciência noturna), nossa alma se abre para o mundo espiritual e tem como efeito o que Rudolf Steiner chama de fantasia pedagógica, que nos dota de **presença de espírito**.

O primeiro e segundo passos soam como um pedido e o terceiro passo é uma benção do mundo espiritual.

Este exercício nos leva a grandes descobertas, adquirimos sensibilidade para os processos de decisão. Com ele cria-se uma consciência periférica, percebemos que no círculo das decisões estão as pessoas certas no momento certo, há características cármicas.

Quando conseguimos olhar o outro como alguém que exerce influência no nosso carma e vice versa passamos a ser participantes na construção das relações.

curso de Metodologia e Didática:

*A primeira qualidade: Que o professor seja um Homem com iniciativa.*

*Iniciativa é a qualidade do eu.*

*A segunda qualidade – Que o professore seja um Homem com interesse.*

*A terceira qualidade – Que o professor seja um Homem que nunca se compromete com a inverdade.*

*A quarta qualidade: Que o professore não resseque e azede (nem amargue.)*

Isto é, o professor constantemente precisa renovar-se, rejuvenescer-se.

Queremos olhar brevemente para cada uma dessas qualidades. Iniciativa é a qualidade mais importante para o professor, sem dúvida. Iniciativa é a qualidade de eu próprio tornar-me criativo. Eu o coloco no início. Que não se leccione assim como se faz na escola Waldorf, um, dois, três, quatro, cinco, seis, porém tentar sozinho escrever uma peça de teatro, fazer uma poesia, fazer os versos dos boletins. Isso significa iniciativa. Iniciativa sempre significa o contrário de medo. Porém existe uma determinada unilateralidade no âmbito da iniciativa. Imagina-se que seus dois vizinhos estão incrivelmente cheios de iniciativa, precisa acontecer, eu estou cheio de iniciativa. Dependendo não é tão agradável. Quer dizer, iniciativa também tem a tendência da realização do mundo. Eu tenho a iniciativa própria de fora, fora, fora... Quer dizer que a iniciativa também tem a tendência de uma viseira, não enxergo mais à direita, nem à esquerda. Qual é o medicamento para a unilateralidade de iniciativa? – Essa é a segunda qualidade - *interesse!* É exatamente o contrário. Iniciativa - *eu*; interesse - *tu* - o mundo. É novamente um processo de inspiração - expiração. Interesse sempre significa abertura para o que há no mundo. Agora novamente temos uma unilateralidade em relação ao interesse. Estou interessado em tudo: tai-chi, euritmia, meditação transcendental e não tenho mais o meu próprio ponto de vista.

Certa vez eu ouvi uma história de um advogado. Ele estava sentado com a sua esposa no café da manhã. O advogado tratava de um caso de divórcio tanto do homem como da esposa. Toca o telefone: mulher. Agora a esposa do advogado ouve como ele diz: “sim, isso realmente é impossível, não dá, de forma nenhuma. Tem toda razão se não o fizer. Até logo!” Tempo depois toca novamente o telefone. Agora é o esposo. A mulher à mesa do café ouve novamente como seu marido fala: “Naturalmente, sim, não dá de jeito algum. Não, não, isso o senhor não deve fazer”. É totalmente errado e novamente dá a razão ao cavalheiro. Ele volta para a mesa do café da manhã; a esposa diz: “escuta, primeiro telefonou a mulher e você disse que ela tem razão e depois telefonou o marido dela e você disse que ele também tem razão. Quem tem razão? Não é possível, ou um ou outro tem razão”. Respondeu o advogado: “Sim, tu tens razão!” Esse homem

muitas perguntas e não sei se posso responder todas, pois para finalizar esse arco demanda um certo tempo. Posso oferecer os intervalos das atividades para os interessados nas perguntas. Podemos sugerir uma sala para depois da ceia.

#### Última Conferência.22/07/06

É a última noite e tenho aquele problema já mencionado de responder todas as perguntas.

Gostaria de apresentar mais uma vez que a arquitetura, a escultura, a pintura e desenho são as três artes espaciais, depois temos no meio a música: pura arte temporal. Também podemos denominar as artes; assim, pode-se dizer que a arquitetura é a arte que tem uma relação com o corpo físico, a estrutura do ser humano. A escultura é aquela força formadora de formas, força estruturante, força etérica, o corpo etérico; a arte da pintura é a arte que tem a ver com o anímico. Cor é algo onde a alma vibra junto. Isso é o astral. A música podemos tomar como o representante do Eu, pois na música, a matéria e a forma são unidas. Compreende-se ouvindo. Podemos agora nos conscientizar de que o Eu é a fonte que transforma a atividade do corpo físico, etérico e astral. E ao mesmo tempo correspondendo a isso podemos perceber que as artes temporais – poesia, eurtmia e a arte social – são transformações das artes espaciais. Aqui podemos dizer: a pintura pinta imagens; essas imagens podem ser vistas no espaço; o poeta versifica na fala um processo temporal, também imagens, mas que se vivencia interiormente. Podemos dizer que a eurtmia é uma escultura transformada no tempo. E que a música, o musical é o lugar onde acontecem as transformações. O lugar da transformação também poderia ser descrito como sendo a música (Na lemniscata horizontal e na cruz está a música, desenhado na lousa) Assim, a eurtmia é ‘Gestalt’ que se movimenta no espaço. A escultura é uma plástica que está presa num espaço. De maneira que podemos dizer que a cada arte espacial corresponde uma temporal. E, ainda, a arquitetura é a casa para a vida divina, para o ser espiritual; a arte social são todos os seres individuais providos de uma centelha divina. Assim como não é o arquiteto que estrutura o próprio Deus, mas ele estrutura o invólucro, assim o especialista social ou o artista da educação não estrutura o Eu do outro, mas os invólucros. Nós atuamos como artistas sociais de tal maneira para que o corpo físico, etérico e astral do Eu se torne ativo; nós incentivamos a auto-atividade. O arquiteto estrutura um espaço para Deus e quando está pronto, podemos vê-lo. No artista social tudo está em movimento. Trata-se de estruturar um processo temporal. Ficou mais claro?

Chegamos agora às quatro qualidades que Rudolf Steiner nos deu no final do

## O CAMINHO INTERIOR DO PROFESSOR

Palestras de Dr. Heinz Zimmermann.

17 a 22 de julho de 2006

IX Congresso Ibero americano

Punta de Tralca - Chile

(último congresso onde ele participou)

Chile 17/07/06

Bom dia queridos amigos!

-Tentarei prosseguir cantando, vai ser mais difícil, mas amanhã será mais fácil quando as diferentes escolas terão apresentado...

Cheguei na sexta-feira aqui em Santiago, vindo de avião da Suíça e lá a temperatura estava 32° C. Assim, agora estou com um pouco de frio!

A nossa tarefa de hoje de manhã é dar uma visão em retrospectiva sobre as cinco primeiras palestras para, em seguida, dar uma visão sobre a 6ª e depois a 7ª palestra. Hoje vamos abordar uma questão que cada vez mais é abordada: O que é o essencial numa escola Waldorf?

Podemos responder de diversas maneiras: podemos olhar para esses véus, ou aquelas bolsas bonitas, ou giz de cera Stockmar, as flautas, ou também as dificuldades financeiras, as grandes dificuldades entre os professores no colegiado; isso tudo são aspectos importantes nas escolas Waldorf, mas não chega a ser o essencial. O essencial está vinculado àquilo que, na América do Sul, justamente nos últimos 12 anos, é feito no Congresso: o estudo do Homem, da *Antropologia Geral*. Isso tem a ver com o que justamente na América do Sul os colegas sentiram, como de forma pioneira, que esse trabalho é a essência e que todo o mais – os véus, o giz etc – aparecem como consequência.

Na noite que antecedeu à palestra acerca dos conteúdos da *Antropologia Geral*, falamos aos futuros professores, dizendo que não queremos um reitor, um diretor. Cada professor é livre e responsável perante o que faz.

Porém, é necessário criar um substituto para o diretório responsável pela condução. E o substituto do diretório é a *Antropologia Geral – o estudo do homem*; isso transforma a escola numa comunidade. Pois, não tendo uma meta comum, tem-se a necessidade de regular tudo por meio da organização. Existe uma frase simples que também pode ser aplicada para as escolas Waldorf ‘Organização substitui o caos pelo erro’. E sempre quando colegas numa escola Waldorf discutem tempo demais sobre problemas de organização, é preciso começar a desconfiar.



É preciso imaginar aproximadamente vinte pessoas sentadas numa sala e Rudolf Steiner inicia com a *Antropologia Geral*. E em aproximadamente quatorze dias toda a formação de professores está concluída. Uma palestra de *Antropologia Geral* – uma palestra de Metodologia e Didática; à tarde exercícios, Colóquios e, à noite, mais uma palestra.

Certa vez eu tive a oportunidade de estar com uma pessoa que participou desse primeiro preparo, Herbert Hahn, e de perguntar-lhe: “O senhor entendia aquilo que Rudolf Steiner dizia”? Como resposta veio: “Naturalmente que não. Mas nós sabíamos que nós éramos testemunhas de um momento muito importante. E eu acredito que esta é uma postura muito importante também em relação à *Antropologia Geral – o estudo do homem* – que é uma tarefa grandiosa e nós temos que trabalhar paulatinamente nela”.

Agora nos transportaremos de volta ao início da *Antropologia Geral – o estudo do homem* – e chegaremos então à 1ª palestra. Rudolf Steiner inicia – e isso para os presentes lá deve ter sido algo majestoso – dizendo: “Nós só podemos realizar essa tarefa se trabalharmos em conjunto com os anjos, os arcanjos e espíritos do tempo”. Isso não é para ser interpretado como bonitinho: anjos com asas, arcanjos com asas maiores, arqueus com asas gigantescas. Trata-se muito mais concretamente de que nós, como professores, necessitamos de três fontes de forças. Primeiramente, nós necessitamos de força para a nossa aula, nós necessitamos de força para a nossa tarefa. Essa força nós pedimos ao anjo que pertence a nós. Precisamos também da coragem para trabalhar em conjunto para poder criar uma comunidade. Cada escola tem um espírito da escola, cada escola é um organismo do qual exigimos ou esperamos que seja um **bom espírito**. Essa qualidade é a qualidade do arcanjo. Arcanjo para comunidade, destino.

No terceiro pedido nós esperamos que não apenas exerçamos uma atividade com força no ensino, mas que sejamos uma comunidade harmoniosa. Mas isso só não basta, senão bastaria construir uma escola bonita nas Ilhas de Páscoa, no oceano Pacífico, bem longe de todo o mal. Precisamos exercer uma pedagogia que nasce do espírito da atualidade, que nasce do espírito do tempo dos dias de hoje.

Esse é o terceiro pedido, o pedido ao bom espírito do nosso tempo solicitando luz para a nossa tarefa. Com essa prece Rudolf Steiner inicia toda a fundação da primeira escola Waldorf e ele denomina essa fundação de um ato festivo da ordem

das muralhas do templo, e foi unido ao mundo público pela primeira vez apenas no século XX. A direção dessa escola superior, direção no sentido de cuidado e responsabilidade, está com o assim chamado colegiado da Escola Superior. Pertencem a ela os diferentes dirigentes de Seções: Seção Pedagógica, em que o dirigente é Christof Wiechert; a Seção Médica com a Dra. Michaela Gloeckler; Seção de Ciências Naturais com Johannes Kühl; Seção das Artes de Movimento e de Música, com Werner Barfuhr e assim por diante; eu não mencionei todas. E todos esses dirigentes de seções em conjunto com a diretoria buscam atender as necessidades esotéricas do tempo. Não devem imaginar que a seção pedagógica só tem acento em Dornach, porém em toda parte no mundo onde as pessoas que são membros da Escola Superior Livre trabalham nessa tarefa, lá está atuando a Seção Pedagógica. Portanto, não é fato que a Seção Pedagógica está no Goetheanum, olha para o mundo e rege; porém, a seção pedagógica está em toda parte onde membros da Escola Superior trabalham nesse impulso e trabalham em conjunto com o dirigente da seção. Daí pode-se dizer que existe a Conferência Internacional das Escolas Waldorf. O Círculo de Haia é um órgão da Seção Pedagógica e, por conseguinte, um órgão da escola superior. Esse Círculo, que se reúne duas vezes por ano, tenta desenvolver uma consciência do movimento internacional das escolas Waldorf. Assim, temos Ursula Valendo que pertence à Conferência Internacional das Escolas Waldorf, e que na próxima seção da Conferência Internacional das Escolas Waldorf vai relatar sobre esse congresso. Lá estão os representantes da África do Sul, dos Estados Unidos, da Rússia, da Austrália, e de muitos países da Europa: Holanda, Alemanha, Áustria e assim por diante. Concluindo esse tema, resumindo, pode-se dizer que toda essa tarefa não é para os antropósofos, mas tenta-se em relação às entidades hierárquicas pedir ajuda para aquilo que nos tempos atuais se necessita. Em cada época do passado histórico havia um determinado ser inspirador para todo o período. Na nossa época, desde 1879, esse ser inspirador, o espírito do tempo é Micael. E pode-se dizer que toda a Antroposofia é um servidor do espírito do tempo, Micael.

À pergunta: que qualidade tem esse espírito do tempo? Pode-se fazer a contra pergunta: quais são as qualidades mais importantes que o ser humano necessita?

Primeiro: coragem!

Segundo: presença de espírito ou presença de ânimo! Quer dizer que é Micael o ser que de pronto chega a nos ajudar quando necessitamos coragem. Trabalhando-se espiritualmente livre, e nesse sentido pode-se afirmar que a fundação da escola Waldorf é uma fundação para o espírito do tempo, Micael. Com isso ainda estão relacionadas outras duas, que gostaria de apresentar à noite. Mas preciso dizer que desde já estou com um problema, pois surgiram

compromisso. Agora existe mais uma intensificação. E essa intensificação está contida quando Rudolf Steiner diz que Antroposofia não é apenas a ideia minha, mas Antroposofia é um ser espiritual. E um ser espiritual precisa ser cultivado para que na Terra possa continuar inspirando. Para o cultivo do ser Antroposofia, Rudolf Steiner se vinculou pessoalmente com o seu próprio destino com a Sociedade Antroposófica. Foi no assim chamado Congresso de Natal 1923. Podem tornar-se membros dessa sociedade independente de sua cor, de sua convicção religiosa, apenas precisam dizer – eu quero que exista Antroposofia. Eu quero que existam instituições de agricultura biodinâmica, eu quero que existam escolas Waldorf, eu quero que exista medicina antroposófica. Acrescenta-se mais uma frase muito importante: Eu quero também que as bases espirituais, das quais tudo emergiu, permaneçam vivas. A Sociedade Antroposófica tem a tarefa de vivificar a Antroposofia, independente das instituições individuais. Um membro da Sociedade Antroposófica não tem nenhuma responsabilidade. Mas existem membros da Sociedade Antroposófica que por livre vontade gostariam de assumir responsabilidades. Mas para poder assumir responsabilidades é preciso assumir determinadas condições. Há três condições.

*Primeiro:* é preciso querer seguir em plena liberdade o caminho meditativo, o caminho de exercícios, por ser este o coração da Antroposofia;

*Segundo:* é preciso querer representar a Antroposofia diante do mundo, não como algo particular, mas eu quero me posicionar no mundo.

E a condição mais difícil é: eu preciso estar disposto a trabalhar em conjunto com os outros representantes. Essas pessoas decidem tornar-se membros da Escola Superior Livre para Ciência Espiritual. Isso é permitido a cada um que quiser realizar estas três condições. Não é como se acontecesse uma sabatina, com perguntas do tipo “você já teve experiências suprassensíveis”? É apenas a decisão própria de que eu quero trabalhar em conjunto e quero tornar-me responsável para que a Antroposofia em nossa época torne-se atuante. Para esse núcleo esotérico Rudolf Steiner deu o caminho meditativo. Em 19 aulas, as assim chamadas Aulas de Classe, ele dá mantras com os quais se chega ao guardião do limiar, como preparo para o encontro com o guardião do limiar. E também pode ultrapassar o limiar. Em seguida deu grupos de meditação onde se começa a assimilar o mundo das Hierarquias. Poder-se-ia dizer, um caminho que conduz além do umbral para o mundo espiritual. E sobre esses mantras diz Rudolf Steiner que ele os trouxe para baixo, para o mundo diretamente do âmbito de Micael. Dessa forma se pode dizer: uma comunidade esotérica de irmãs e irmãos que está vinculada à uma sociedade totalmente aberta e pública. Assim pode-se dizer o que outrora era sempre bem isolado e fechado nas escolas de mistérios, atrás

cósmica. E inicia dizendo o que é o novo nessa pedagogia, nessa quinta época pós-atlântica. Aqui podemos dizer que ele a está vinculando a uma tradição de dois mil anos. Para o grande filósofo Platão era óbvio que existia um mundo pré-natal e para ele era bem claro: O que é aprender? Aprender nada mais é do que se recordar do que já se sabia antes do nascimento, mas esqueceu depois. Segundo ele, o professor nada mais é do que o auxílio, a parteira para trazer à memória o que foi esquecido. Depois de Platão essa porta para o mundo espiritual se fecha. Apenas há uma vida após a morte, mas o antes do nascimento permanece fechado. Com a pós-morte sempre está relacionado um determinado egoísmo: gostaria muito de saber o que acontece comigo depois da morte, eu desapareço? É algo que me interessa de imediato, pois o antes do nascimento já se passou. Agora, Rudolf Steiner inicia justamente com isso quando diz: “O professor precisa superar esse egoísmo e olhar para trás, para dentro do pré-natal”.

Imaginem as crianças na classe e sabe-se que cada uma dessas crianças vem para mim de um mundo espiritual, para dentro dessa sala de aula, de uma preexistência. A alma dessas crianças no pré-natal estava em relação com seres angelicais no mundo espiritual. Esse ser está trazendo algo para mim e ensinar não é um caminho de mão única, sempre há reciprocidade. A criança me traz tanto quanto eu levo para ela. E nessa relação aparece o primeiro sentimento essencial da tarefa do educador. É a veneração diante da vida pré-natal que cada criança diante de mim traz em si. E a primeira tarefa do educador é dar continuidade àquilo que seres mais elevados iniciaram no pré-natal. Uma tarefa poderosa: *eu como professor dou continuidade àquilo que seres muito mais elevados antes de mim iniciaram*. Existe uma próxima tarefa. Toda a primeira conferência é como um grande prelúdio à obra inteira.

A outra tarefa é que Steiner traz um novo conceito do que é disciplina. Conosco, na Suíça, e eu sei que também na Alemanha há problemas com as crianças que nem sempre querem fazer o que eu quero. Isso é um problema, e eu posso lidar com ele de diferentes maneiras. Uma das possibilidades é: disciplina é deixar a criança fazer o que quer, é paraíso, vem do pré-natal, pode fazer o que quer. É claro que esta aula vira um caos. O contrário disso é o protótipo do domador de circo. Eu faço um movimento de mão e todos se levantam. Faço outro movimento e todos se sentam. Faço mais outro e todos tiram a flauta, portanto podemos imaginar que seja uma disciplina maravilhosa para o professor. É claro que é o império do medo. Qual é a disciplina que Rudolf Steiner propõe? Essa disciplina é a de se vincular de tal forma às crianças a ponto de, fora da aula, se fazer uma imagem do ser vivo da criança (Essa disciplina eu percebi. Sempre

fui professor do Ensino Médio e assumia os alunos no 9º ano. Na classe estão sentados 36 alunos e é claro que eles querem testar tudo o que se pode fazer com esse professor. Percebi pela experiência que é incrivelmente importante que antes de entrar na classe já se tenha feito um contato interior com cada uma das crianças. Certa vez eu tive um problema de disciplina na classe, o ambiente ficou muito agitado e alguém fez uma observação bem atrevida. Eu respondi: “João Pedro, você quer repetir o que você disse”? Deu uma impressão de peso o fato de que eu sabia o nome do menino; e, de repente, se instalou o silêncio. O aluno percebe que o professor já havia estabelecido uma relação com eles. É bem diferente quando se diz: “você, lá, de pulôver vermelho”. Com isso quero dizer que a relação interior com os alunos, o interesse é que constitui a base para a disciplina.

Temos ainda um âmbito geral de tarefas dadas por Rudolf Steiner na primeira palestra. O que vem a ser a tarefa principal do professor? A tarefa principal, assim diz Rudolf Steiner, é encontrar o ritmo certo entre aquilo que a criança recebe da Terra, o corpo físico e entre o que vem de cima, a alma-espírito, que isso entre no ritmo apropriado. Portanto, a principal tarefa do professor é encontrar o ritmo, o meio, um ensino do meio, isso é pedagogia Waldorf. Existem dois ritmos básicos na vida humana: é o ritmo da inspiração/expiração e ritmo da vigília/sono. Ensinar a respirar corretamente significa estabelecer o ritmo certo entre fora/dentro. O respirar correto significa inclusive a estruturação das aulas para que a criança possa expirar corretamente e inspirar corretamente, respeitando sempre a presença do ritmo.

Segue um exemplo de uma aula ruim, unilateral, para então ver qual é esse ideal. Imaginem um professor de classe que sabe narrar muito bem. Ele fala e as crianças estão penduradas em seus lábios. Ele começa a contar incrivelmente em suspense. Toca o sinal, as crianças vão para a pausa. Depois da pausa, vem a aula de inglês. O professor de inglês vai ao professor de classe e pergunta: “O que se passou com essa classe? Minha aula foi uma catástrofe, o que aconteceu”? O professor de classe levou a classe a cada vez inspirar mais e, na aula de inglês, ah, total expiração...

Temos o outro extremo que acontece mais no Ensino Médio. Pode acontecer especialmente nas aulas de História, eu mesmo lecionei História. O professor de História sabe incrivelmente muito. Agora ele conta do seu grande saber. Como foi a guerra dos trinta anos, quais foram as premissas dessa guerra? Havia aqueles duques, imperadores, reis, príncipes e nobres; ainda podem ser lidas as fontes.

Rudolf Steiner deixa claro que em verdade isso é a base para que o pensar possa ser acionado, para que isso aconteça, precisa-se ter a vivência sensorial de, no mínimo, dois sentidos sensoriais. Por exemplo, desenhando uma forma na lousa, não é possível apreender essa forma apenas com os olhos, sempre está presente o sentido do movimento próprio, nós movemos junto. Portanto dos sentidos inferiores vem o sentido do movimento próprio; dos sentidos medianos vêm a visão.

Agora é interessante colocar uma tarefa para os próximos três anos: pesquisar com quais matérias nós incentivamos quais sentidos. Na Matemática, incentivamos outros sentidos diferentes dos incentivados nos Trabalhos Manuais ou nas aulas de Línguas ou ainda na Aula Principal. Aqui existe a possibilidade para o professor Waldorf desenvolver todos os sentidos de forma igual, e através disso desenvolver uma base para a compreensão dos conceitos apropriados para o conhecimento do mundo.

Gostaria de concluir esse tema e abordar ainda a questão das hierarquias. Foram feitas duas perguntas. Uma, responderei agora e outra deixarei para depois.

O que é o espírito do tempo, ou dito em palavras antroposóficas, o que é Micael?

E há uma segunda questão que gostaria de responder que é sobre a Escola Superior Livre de Ciência Espiritual, que está relacionada à Sociedade Antroposófica, e como isso está, por sua vez, relacionado com a Seção Pedagógica e com o **Círculo de Haia**.

Na Antroposofia, tudo está relacionado a tudo. É algo difícil na Antroposofia que se tem a sensação de que não posso fazer nada individual, tudo está interrelacionado com outra coisa. Eu sou responsável pelo curso de introdução à Antroposofia, no Goetheanum, onde durante um ano pode-se fazer um curso de introdução e eu o dirijo. Eu percebi que, geralmente depois de quatro semanas, os estudantes têm uma sensação trêmula. E um estudante certa vez falou o seguinte: Senhor Zimmermann, comigo é assim que pareço estar num lago e aí tem uma planta pequena e eu gostaria de retirar esta planta, mas assim que a toco, vejo que ela tem fios em todas as direções e parece que esta planta está interrelacionada com todo o lago. Isso é a vivência onde se pode perceber que Antroposofia não é apenas uma teoria. Percebe-se que a Antroposofia, com o tempo, pode tornar-se um ideal. Mas existe mais uma intensificação. Tendo-se a Antroposofia como um ideal, dá-se conta que é necessário também fazer algo por isso. Não se trata de uma teoria interessante, existe Antroposofia, como existe meditação transcendental, alternativas. Eu percebo que a Antroposofia quer que eu faça algo. Eu sinto que é a minha decisão, mas agora Antroposofia não é mais sem

por tratarem de compreensão mais difícil. Primeiramente, a diferença entre o sentido da audição e da fala do outro. Numa aula de música podemos estudar os intervalos (tocou no piano). Podemos ter um intervalo assim (tocou outro), podemos ter mais esse intervalo. Temos uma terça menor. Podemos fazer cantar (fez cantar a sala inteira) Trata-se do sentido da audição. Prestem bem atenção (ele fez: “u-hu”). Esta é a diferença entre sentido da audição e sentido da fala. Qual foi a diferença quando canto uma terça menor e se faço *u-hu*? É a expressão da alma, alguém compartilha alguma coisa.

Queremos abordar agora o sentido do pensamento, da fala e do Eu. Também é um experimento. Ouvimos ontem uma palavra maravilhosa de Rudolf Steiner. É uma palavra dos mistérios de Ilesos. É um mistério da fala. Gostaria de pedir a Daiana para falar novamente o poema: *Homem fala/ Através de ti revelarás/ O devir dos mundos/O devir dos mundos/Revela /Através de ti/ O’ Homem/ Quando falas.*

Podemos resumir isso através do pensamento. Quando o ser humano fala, então ele revela todo o suceder do universo. Isso nós assimilamos pelo sentido do pensamento. É um pensamento de outro que nós assimilamos. Gostaria de falar o mesmo em alemão, de forma que o pensamento do sentido não esteja em primeiro lugar.

*Mensch rede /und du offenbares durch dich das Weltenwerden/ Das Weltenwerden offenbart sich durch dich/ Oh Mensch/ Wenn du redest.*

Qual foi a diferença com o sentido do pensamento e o que acabaram de ouvir? É que o mesmo conteúdo pensamental, quando dito em espanhol, atua de forma totalmente diferente do que quando dito em alemão. O sentido da fala registra como são os sons, as palavras, o mesmo pensamento pode ser pronunciado de maneira bem diferente, seguramente viveriam um terceiro elemento. Primeiro ouviram Daiana, depois ouviram a mim e nas duas vezes tiveram uma percepção bem diferente do Eu, perceberam que são dois Eus diferentes que falaram. É possível encontrar isso em um concerto. Percebe-se a música, ao mesmo tempo, através da música se tem uma percepção da personalidade de quem toca. Pode-se assumir a tarefa de pesquisar essas qualidades sensoriais nas coisas de forma bem variada. Faz-se a experiência de que nunca uma atividade sensorial surge separada, mas sempre está relacionada a outras. Anteriormente, na recitação, vocês foram ativados, no mínimo, em seus os quatro sentidos superiores. Mas seguramente tiveram certa sensação de que o sentido da vida também estava ativado. Aqui

Fala-se sempre no mesmo tom, por cima das cabeças, tanto por cima das cabeças que nem percebe que um após outro adormecem. Podemos dizer que se levou a classe a expirar demais. É tedioso. Encontrar o equilíbrio, encontrar o ritmo torna o professor um artista. Ele percebe que os alunos inspiraram demais e agora precisam fazer algo sozinhos. Podemos dizer que ensinar a respiração correta significa dar aula artisticamente, significa lecionar de tal forma que aconteça um bom ritmo entre o sono e a vigília. Este é mais um ritmo entre em cima e embaixo. Cada noite desprende-se na criança e no adulto a alma espiritual, que se vincula com o mundo espiritual e volta na manhã seguinte para o corpo físico. É necessário ensinar de tal forma que aquilo que a criança ouviu durante o dia possa ser levado de maneira frutífera para a noite. Tudo aquilo que está vinculado com o sentimento, vivência e pela vontade pode ser levado ao mundo espiritual. Tudo aquilo que somente atuou com a cabeça são as pedras que não podem ser levadas. E é uma grande arte como no dia seguinte se retoma a matéria abordada no dia anterior. Pode-se dizer que o que falei agora é em forma reduzida o que foi majestosamente apresentado por Rudolf Steiner naquele prelúdio antes da Antropologia Geral; e isso agora é desdobrado nas próximas treze palestras.

Agora, de uma perspectiva de vôo, vamos olhar para as palestras dois e três, quatro e cinco. É preciso dizer que não é possível que se compreenda estas palestras todas de uma só vez, que se leia e se compreenda de imediato. Mas compreender é um longo processo. A segunda palestra é uma palestra básica, poder-se-ia colocar o título: Uma nova psicologia. Na psicologia, de um lado tem a ver com a representação mental e o pensar; e do outro lado com a vontade.

O que Steiner faz agora com esses dois conceitos?

Ele percebe que a representação mental sempre tem um pouco a ver com algo passado, é sempre a imagem que no passado já foi realidade, mas a vontade é algo que leva para o futuro. Entre vontade, representação mental e pensar, no meio, está o sentir – o presente.

Temos algo determinante que Rudolf Steiner deixa claro: a representação, aquilo que reduz a realidade a uma imagem, isso é a antipatia, a força da antipatia, a força do distanciamento. Temos agora um pensamento importante. Quando um ser humano nasce, ele busca entrar numa corporalidade. Ele tem simpatia para o mundo sensorial, mas ao mesmo tempo tem antipatia perante o mundo pré-natal, o espiritual. Caso contrário não viria para a Terra, preferiria permanecer no mundo espiritual. Assim podemos dizer que com a encarnação na corporalidade, constantemente existe uma corrente contra a realidade do pré-natal; e o resultado dessa antipatia contra o pré-natal pela encarnação é a atividade de representação

mental, é a capacidade de pensar. O contrário acontece com o fluxo da vontade. É na vontade que buscamos o futuro e a realidade da vontade é no pós-morte. A vontade tem caráter germinal, ela sempre leva à realização. Ela se torna algo no futuro. E viver significa reter o pós-morte, ainda em forma germinal.

A vontade é algo de vir a ser e a representação mental é algo já realizado. No meio encontra-se o sentir.

Nesse exemplo percebemos o método aplicado por Rudolf Steiner.

Como devo pensar a vida presente?

Esta eu preciso pensar, ao mesmo tempo, na atuação do futuro e na atuação do passado. Preciso pensar conjuntamente o passado e o futuro para ter o presente correto. Em cada criança, preciso enxergar o que é resultado do passado, do já realizado, ao mesmo tempo em que existe na criança um germe do futuro. E aí de mim se apenas observo o já realizado. Sempre preciso descobrir no já realizado as possibilidades de futuro. Podemos dizer também que o corpo é o já realizado, o espírito é o vir a ser e a alma une os dois entre si. E esse âmbito da alma é aquele âmbito em que principalmente lidamos nas aulas.

É claro que não abordarei todas as palestras tão minuciosamente, mas fiz assim porque é a base para as três próximas palestras. A terceira palestra aborda fortemente a essência do pensar; a quarta palestra a essência da vontade – o querer – e a quinta palestra aborda a essência do sentir. Na terceira palestra, é apresentado o ser humano, como ele pode transformar o corpo físico que recebeu até para dentro do metabolismo pelo fato de possuir o pensar puro. Como título da terceira palestra podemos escrever: *Transformação da matéria pelo espírito*. O corpo que ao morrer deixamos para a terra é diferente pelo fato de trabalharmos espiritualmente. A quarta conferência trata da metamorfose do querer. A vontade pode ser ou presa ao corpo, então é instinto, impulso e desejo, ânsia, cobiça. Localizadas no meio. Mas a partir do futuro espiritual o Eu tem a possibilidade de transformar aquelas qualidades presas à corporalidade, revelações da vontade que se tornem vinculados ao Eu. Em cada pessoa há um germe capaz de transformar a mais inferior corporalidade em algo superior espiritual. Em relação a isso Rudolf Steiner traz uma frase que para mim pertence ao mais importante em toda a Antropologia Geral. É a pergunta – Como cultivamos a vontade? Toda a questão do exercitar-se e do aprender está nela contida. E Rudolf Steiner formula a frase: A repetição consciente cultiva a vontade. Repetição não consciente cultiva o sentimento. Percebam que outra vez é uma questão do ritmo. Pois repetição é

doze sentidos distintos. O sentido mais baixo, mais profundo, o primeiro sentido é o sentido do tato. O que nós alcançamos através do tato? Sentimos o limite entre o mundo e nós. Mas esse sentido atua geralmente de forma bem inconsciente. Nós temos constantemente contato com a terra através das mãos, dos pés, sentados, com as costas e por meio disso, percebemos os nossos limites da corporalidade. O segundo sentido é o sentido vital, o sentido da vida. Sente-se quando jovem que tudo é leve, fácil, maravilhoso, o mundo é bonito; ficando velho tudo se torna mais difícil, prefere-se estar sentado numa poltrona, se está cansado, dolorido. Ou se teve um almoço com cinco diferentes pratos e sente-se realmente satisfeito, ou ter fome enorme. Isso tudo são mensagens para o sentido vital. Como me sinto em meu corpo?

Agora vem o terceiro sentido inferior, o sentido do equilíbrio. São chamados assim por estarem vinculados à corporalidade. Deve estar claro que toda vez que damos um passo, saímos fora do nosso equilíbrio e temos que buscá-lo novamente. Mesmo estando em pé, não estamos igualmente apoiados sobre os pés, sempre estamos na busca do equilíbrio. Nunca estamos totalmente equilibrados, sempre estamos na busca do equilíbrio. E desmaiamos, caímos. Na verdade o sentido do movimento próprio, sinestésico, tem lugar antes do equilíbrio. Precisa ficar claro para nós que, em verdade, quando percebemos um movimento, não se percebe diretamente o movimento, porém percebe-se o movimento do próprio olho, ou do próprio organismo através do sentido do movimento próprio. Isso vocês podem provar, por exemplo, quando se pergunta para alguém: o que é uma escada em caracol, ou em espiral? Assim que se pergunta ele imediatamente faz um movimento com as mãos. Observando alguém que arremessa uma bola com bastante força, percebe-se que nós próprios também fizemos o movimento. Esse é o sentido do movimento próprio. Temos então os três sentidos fortemente abafados, obtusos, com vontade acentuada e relacionados ao dormir e são eles: o sentido do tato, sentido vital, do movimento, do movimento próprio e do equilíbrio. Tudo isso são aspectos especialmente importantes para o primeiro setênio na vida das crianças e do jardim de infância. Engatinhar, movimentar-se, buscar equilibrar-se. É determinante para o desenvolvimento do ser humano que tudo isso seja desenvolvido.

Chegamos agora aos sentidos medianos, os sentidos do sentir, são eles o olfato, paladar, visão e sentido calórico. Agora temos os quatro sentidos superiores, os cognitivos, que são importantes especialmente para o professor, são eles: o sentido da audição, da fala, do pensamento do outro e o sentido do Eu alheio. Novamente gostaria de ilustrar os sentidos superiores por meio de um exemplo,



Ainda o exemplo prático da época de tecelagem, o fiar do 9º ano, com ele se pode perceber como aquilo era imediatamente pedagógico e prático, abarcando o homem como um todo.

A grande arte de tais apresentações é, primeiramente, ter a coragem de se apresentar. Eu preciso dizer que estou muito bem impressionado sobre tais apresentações e que não há nenhum outro lugar no mundo onde, por longo tempo, se trabalha a Antropologia e disso se faz uma apresentação artística. Quando se quiser manter a relação com a Antropologia e compreender, então é preciso trabalhar cada um por si aquele conteúdo da Antropologia. Isso talvez seja algo muito importante para o próximo congresso. Pensando que algumas escolas fazem as apresentações, podemos esperar que elas tragam o conteúdo. É muito mais frutífero que todas as escolas se dediquem à essa 8ª palestra. A partir disso podemos olhar com muita atenção para as apresentações. A sexta conferência é onde pela primeira vez se fala do ponto de vista do espírito. O ponto de vista espiritual é o Eu com seus instrumentos; o Eu no pensar está acordado, mas apenas na aparência; no sentir o Eu sonha; no querer o Eu dorme, aí estão as capacidades, lá estão as realidades do Eu. E na sétima palestra tudo entra em movimento. Aí aparece a frase que já mencionei: compreender é o relacionar um com o outro. Despertar, sonhar, dormir; ao se relacionar ao pensar, sentir, querer; e corpo, alma e espírito se estabelece também relação com o curso da vida; pensar, sentir e querer estão igualmente relacionados ao curso da vida; o mesmo se dá com a recordação e o esquecer; e o adormecer e o acordar, em relação à memória. Que método é esse? Eu preciso olhar isso e depois aquilo, refletir para cá e para lá, isto é, estou constantemente ponderando. Esse método pela primeira vez foi aplicado por Goethe, o goetheanismo. Aliás, olhando para a data dessa palestra – 28 de agosto, aniversário de Goethe.

Chegaremos agora a um grande salto até a 8ª palestra; quando acontece a segunda metade da Antropologia, a primeira metade vai até a sétima; estamos justamente o meio. E o que faz Rudolf Steiner para unir as duas metades? Ele termina na sétima palestra, com o recordar, e reinicia na 8ª palestra de novo com o recordar. De maneira que a ponte é constituída pela memória, pelo recordar. Na oitava palestra alcançamos um tema incrivelmente atual, especialmente para pedagogia Waldorf. A nossa tarefa principal é conduzir as crianças para dentro do mundo sensorial. É por isso que é essencial estudar bem o mundo dos sentidos e as diferentes atividades sensoriais. A 8ª palestra é aquela palestra das atividades sensoriais. A oitava palestra aborda percepção sensorial; a nona palestra aborda a atividade pensamental. É assim que Rudolf Steiner não só enumera os cinco sentidos conhecidos, porém ele olha para as doze qualidades do zodíaco e encontra

ritmo e ao mesmo tempo é formação de vontade.

Na quinta palestra trata-se então da busca pelo meio do coração entre pensar e querer. Com isso alcançamos e sexta palestra e podemos olhar para o futuro. Aqui Rudolf Steiner dá um salto grande, o salto é de aplicar outra metodologia. Do ponto de vista metodológico, as primeiras cinco palestras abordam o ponto de vista anímico. O ponto de vista anímico é um ponto de vista dramático. Temos pré-natal – representação mental – pós-morte – vontade – presente – sentir. Pode-se dizer que da polaridade surge o terceiro. Luz - escuridão – cor.

Este é o método goethiano.

Agora temos o ponto de vista do espiritual a partir da 6ª até a 10ª palestra. Aqui o ponto de vista está relacionado à pergunta: Que estado de consciência tem o Eu do Homem no pensar, sentir e querer? Quer dizer que, aqui, o pensar, sentir e querer serão observados da mesma maneira, mas de um outro aspecto. Se olharmos para o pensar, então estamos acordados no pensar e na representação mental. No sentir estamos sonhando. Podemos observar quando estamos diante de alunos no 8º ano; percebemos crianças sonhando com algo – como seria isso? – como se poderia? – ela vai me amar? – quer dizer: estão sonhando. Pensamentos sonhadores, isso é vida dos sentimentos. É aquele estado sonhador, mas de repente se acorda e pensa: mas eu preciso escrever. Mas em respeito à vontade estamos dormindo. Ao dizer “eu agora gostaria de ir até aquela flor”, eu tenho uma representação exata da intenção de que eu quero ir, mas não tenho nenhuma idéia dos processos que se passam nos meus músculos até chegar lá.

Temos agora a maior loucura, ou o mais importante do ponto de vista da Antropologia Geral: Quanto mais elevada for a consciência, menor e a realidade. Na representação eu apenas vivo na aparência, mas consciente; no querer estou dormindo, mas em compensação estou no ser. É por isso que eu, como educador, preciso me vincular à vontade que vem acordando lentamente como aparência na cabeça. Nesta palestra, há a frase mais bonita para mim da Antropologia Geral: *Todo dormir tem a tendência de alguma vez acordar*. Isso não é grandioso para nós mesmos? Dorme-se para tantas coisas, mas em algum lugar, de repente, vem um acordar. Na sétima palestra podemos dizer a partir do gesto. Eu já me alegro na esperança de ver os trabalhos que serão apresentados. A sexta palestra é rigidamente estruturada em pensar – sentir – querer. Na sétima conferência, tudo é dinamizado. Chega agora o decurso da vida em relação ao pensar, sentir e querer. Chega-se à essência espacial em relação à vigília, sonho e sono. Chega a lembrança, memória em relação à vigília, sonho e sono. Tudo é dinamizado e por isso é tão difícil captá-la, sempre parece que escapa. Estou curioso como fica no palco. E também essa palestra tem uma frase muito linda: “Toda a compreensão

é, na verdade, relacionar uma força com a outra”. Nós sempre estamos na situação de “eu quero compreender isso”. Compreender significa relacionar. Aqui Rudolf Steiner diz: “Se quiseres compreender isso, precisas olhar isto, mais aquilo, mais aquele outro”. É isso que deixa móvel na compreensão. Portanto, compreender é relacionar um com o outro. Com isso podemos dizer que a 7ª palestra é como uma dinamização da sexta palestra. Contudo já me alegro para o que vem da próxima vez.

Encontro da noite do dia 17/7/2006

Perguntas:

Veio a pergunta solicitando explicar novamente o que é uma repetição consciente e não consciente.

Repetição consciente quando se sabe que é necessário fazer. Por exemplo, diz-se à criança que quando ela volta para casa precisa tocar durante vinte minutos o seu violino. Assim, toda vez que chega em casa precisa tocar durante vinte minutos o seu violino e não pode esquecer. Isso é repetição consciente, porque cada vez preciso me recordar de tocar violino. Não se pode esquecer. Isso é repetição consciente, sempre preciso me lembrar e fazer, lembrar e fazer, na repetição consciente preciso pensar e depois fazer. Quando repito não conscientemente eu nem preciso saber o que se está repetindo. Falando cada manhã o poema da manhã. Torna-se um hábito; torna-se um hábito de fazer na parte rítmica seguindo um plano de aula, tudo isso é repetição rítmica, mas repetição não consciente, pois se acostuma a fazê-lo. Uma repetição inconsciente também é a fala do professor. Uma das repetições mais importante é a fala do professor. O professor fala constantemente e isso atua sobre o sentimento da criança e isso é repetição não consciente, isso não se torna consciente na cabeça. Estruturando, por exemplo, uma aula programada artisticamente de maneira a ter um início, um ponto alto e um arredondamento, isso também é uma repetição não consciente, pois o aluno não precisa saber; ele apenas vivencia. Isso tudo faz parte da pergunta inicial.

Gostaria de ir agora à questão do preparo interior do professor.

Hoje de manhã ouvimos que o início da Antropologia Geral é uma prece ao próprio ser superior, ao anjo, ao espírito comunitário, ao arcanjo e ao espírito do tempo, o arqueu. E Rudolf Steiner diz a esses primeiros professores, quase como a propor um voto, que toda noite, antes da meditação, ou melhor, ante de dormir, portanto, que se unam com a terceira hierarquia e, de manhã, lembrem-se, mais uma vez, que se está vinculado com as potências divinas. Segue então aquele início da Antropologia Geral; e o que vem no final? O que é que Rudolf Steiner

**Chile, 21/7/06**

Caros amigos, depois de um entusiasmo desses, não é fácil proferir uma palestra. Porque no entusiasmo estamos lá em cima e na palestra estamos cá em baixo. Mas como hoje à noite temos uma festa, podemos então agora descer e na festa novamente estar em cima.

Hoje gostaria de começar com uma pergunta sobre dinheiro, que veio da palestra da manhã. Depois gostaria de voltar sobre a semana, sobre apresentações da 6ª e 7ª palestra e uma prospectiva sobre a 8ª palestra, para a próxima palestra.

A pergunta é qual a diferença entre atenção e concentração. Na atenção, toda a consciência é dirigida ao objeto; na concentração a atenção é mantida, manter a atenção dirigida ao objeto. Quando estou atento olho para esse lírio, agora seguro a minha atenção e me concentro. Justamente no momento anterior, no dirigente, vimos a combinação dos dois: ele regia, atenção em toda parte, mas também concentração sobre o todo. A mesma coisa é na aula, precisamos a cada momento estar com a atenção e ao mesmo tempo estar concentrado na matéria. Há uma segunda questão e eu voltarei a ela no final. Tivemos a oportunidade na terça, na quarta e na quinta, mediante as apresentações de três escolas diferentes. Na primeira apresentação, da escola Novalis, percebeu-se o que significa trazer algo na forma artística. De maneira maravilhosa esses colegas apresentaram o conto, e sentimos que se penetrou de forma bem viva numa relação Antropológica, mas na forma de conto. Na segunda apresentação, na quarta feira, da escola Francisco de Assis, algo me impressionou de maneira especial, quando se via que a Antroposofia é a reunião de conhecimento, arte e religião. Entre as duas colegas que conduziram o diálogo, houve uma conversa de *reconhecimento*, na cena em que apresentaram a *arte*; no final teve-se a impressão de um ato *religioso*, a vela, a atmosfera. Pode-se dizer: isso é o ideal da Antroposofia. Começa-se com o conhecimento, conhecer a Antropologia; é vivificada com arte e finaliza-se na atmosfera religiosa. Isso estive maravilhosamente presente nas duas apresentações. Na terceira, da Argentina, pode-se perceber que durante muito tempo se trabalhou com um conteúdo antropológico. Eu senti que quando as colegas apresentaram algo, aquilo não foi mais extraído da memória, da cabeça, mas por conta própria, individualizado; com exemplos próprios. Vocês estão lembrados do exemplo de dirigir carro, quando é necessário esquecer. Observamos também que quando alguém conta individualmente e não a partir da memória, presta-se muito mais atenção. Ainda houve dois exemplos de aula muito bonitos. Um deles foram as experiências da Física, inspirado pela 6ª palestra, onde Rudolf Steiner diz: “o cosmos, aquilo que nos circunda são forças, é uma soma de forças”. O colega, através do arco de violino, tornou visível que forças atuam em todo o entorno.

Dormem à noite e voltam para a escola com essa pergunta subjacente. A arte agora é de abordar a matéria de ontem de tal maneira a conduzi-la ao conceito, para que possam compreendê-la.

De todas essas estruturas temporais das quais dei apenas poucos exemplos, existe um instrumento adequado que eu experimentei e gostaria de contar para vocês. Numa estrutura temporal há quatro elementos. O primeiro é a matéria: quanta matéria para quanto tempo? É matéria demais, percebe-se que não se entende nada; se for matéria de menos todos ficam entediados e adormecem. Agora é a matéria a penetrar no fluxo de tempo. Se a aula corre rápido demais, ou muito devagar; preciso acelerar, ou retardar: tempo. Portanto o artista da aula precisa lidar com a *matéria*: quanto de matéria, aumentar, manter o tempo, acelerar, desacelerar. É muito importante que no início não seja demasiadamente rápido, acelerar e no final desacelerar. Chegamos à terceira qualidade: *a tensão*. Os alunos são abordados com perguntas grandes ou é assim que apenas se limita ao contar do professor? Cada aula precisa de certa tensão: demais ou de menos, precisa sempre ser equilibrado. A mesma coisa é com o diálogo. Existe, por exemplo, pessoas, antropósofos, que quando falam sobre a televisão dizem que é horrível, horrível para as crianças, é muita violência, sexualidade, e também faz mal à vista. Correntes elétricas pavorosas. Estando sentado num círculo assim, surge a vontade de dizer: mas a televisão também tem seus lados positivos. Por quê? Porque não há tensão. Todos dizem “estamos de acordo”. É pavoroso. Por isso sempre há a necessidade de haver certa tensão. Não demasiadamente grande, nem pequena. Temos agora a quarta qualidade: essa quarta qualidade é a pergunta: qual é a minha *meta*? O que quero *atingir*?

Em verdade todas as quatro qualidades atuam simultaneamente, uma com a outra. Mas estas podem de sobremaneira acelerar a sua potencialidade se, de tempos em tempos, forem feitas retrospectivas e se perceber: como foi a matéria? Como foi o tempo? Como foi a tensão? Como foi aquilo que eu quis alcançar?

Também posso fazer essa pergunta a respeito de uma conferência de professores:

Como é a relação quando eu aplicar essas quatro qualidades? Em toda parte onde acontecem processos sociais pode-se encontrar essas quatro qualidades. É claro que vocês já perceberam que se trata dos quatro membros essenciais do ser humano; a matéria é o corpo físico, a substância; o tempo, o fluxo etérico; a tensão tem a ver com o astral; e a meta tem a ver com o Eu. Temos um elemento, poder-se-ia dizer, uma ferramenta artística para processos sociais. Amanhã falarei sobre os demais ideais e depois farei um apanhado do todo. Fica a pergunta: há uma relação entre os primeiros ideais e as hierarquias?

fala ao final de todo esse curso? Poderíamos pensar que ele diga: “Esforcem-se para que todos se tornem clarividentes. Aprendam afinal toda a matéria a ser dada”. Não, nada disso ele fala! Mas fala acerca de três metas, três ideais.

Primeiro ideal – *Compenetre-se com a capacidade de fantasia*. E a fantasia naquele âmbito onde Rudolf Steiner a expõe é o contrário de pedantaria. Esse ideal para ele é tão importante que diz: “quando alguém é pedante e não pode modifica-se, é melhor ele não se tornar professor”. Rudolf Steiner geralmente é tolerante, aqui ele é bem severo;

O segundo ideal – *Tenha coragem para a verdade*;

Terceiro ideal – *Aguce seus sentimentos para a responsabilidade anímica*. Mas acontece que não apenas a Antropologia Geral é encerrada, mas ele também encerra todo o curso com a Metodologia e Didática e, mais uma vez, aponta para quatro ideais. Esses quatro ideais são:

Primeiro – *Que o professor seja uma pessoa de iniciativa*;

Segundo – *Que o professor seja uma pessoa com interesses*;

Terceiro – *Que o professor nunca feche um compromisso com a não verdade, a inverdade*

Quarto – *O professor não deve ressecar e azedar*

O vivo seca e endurece; o líquido, leite, por exemplo, azeda.

Esses são os sete ideais. E sobre esses sete ideais, durante a semana, gostaria de elaborar alguns pensamentos a respeito. Mas inicialmente gostaria de falar sobre o que é um ideal.

Um ideal é uma idéia que se tem e com essa idéia pode-se fazer de diversas maneiras. Podemos ter a idéia de que seja importante para o professor Waldorf que se seja artístico. E podemos dizer isso para outra pessoa: “É muito importante um professor Waldorf ser artístico”, mas com isso não ganha nada. Pode ser uma idéia que muitas vezes nos faz pensar, mas na verdade deveria ser diferente. Mas às vezes há uma conferência de professores ou outra conferência antroposófica, uma reunião de pessoas que acham que sabem o que deve ser feito. Aí, poderíamos dizer que o ideal permanece na cabeça. Torna-se um ideal somente quando eu digo livremente, quando eu livremente assumo porque eu quero realizar. Portanto ideal é uma idéia que me entusiasma e pela qual eu faço algo. Rudolf Steiner diz que o mais importante para um discípulo do espiritual, que quer se desenvolver para alcançar conhecimentos superiores, é transformar idéias em ideais. Ele prega a frase: “cada idéia que você transforma num ideal, fortalece as suas forças vitais”. Quando se pretende fazer algo, quando se tem uma meta sobre a qual se está entusiasmado, então é o contrário de cansaço. Agora vem um grande problema para o professor

Waldorf. Pois nós já vimos aqui sete ideais, não apenas um, mas ainda há muitos mais. Especialmente frequentando o seminário de professores, lá se ouve com frequência: “isso é bem importante para o professor Waldorf”; chega o próximo docente e diz: “isso é muito importante, você não pode deixar de fazê-lo”. Com o tempo, acontece uma inflação de ideais e então o método melhor é não fazer nada. Podemos fazer outra coisa: ninguém de fora pode ditar para mim um ideal, ninguém pode dizer você precisa desse ideal. Um ideal somente é ideal quando brota do próprio coração. Eu preciso poder dizer: “sim, isso eu quero”. O ideal não é: “você precisa”, “você deve”, porém, “eu quero”. Agora a vida não é assim que forçosamente seja curta. A expectativa de vida atualmente é bastante longa. Portanto não é necessário realizar vários ideais imediatamente no primeiro ano. Pode dizer-se, por exemplo: “o que é o mais importante no próximo tempo”? Preciso então perguntar: “o que devo fazer para isso hoje, amanhã”? Ideais sempre são imagens de futuro, porém essas imagens não devem ficar distantes demais no futuro. Por exemplo, quando eu estou com 25 anos, não é bom dizer que eu, aos 60 anos, terei realizado isto ou aquilo. Muito mais produtivo me perguntar: qual é o ideal para o próximo ano escolar? O que gostaria de atingir no próximo ano escolar? Preciso então buscar o futuro para dentro do presente e perguntar o que faço no próximo meio ano, e o que faço no próximo quarto de ano? O que preciso conquistar no próximo mês; o que quero atingir nesta semana? E o que quero fazer hoje? Quer dizer que é preciso buscar o ideal para dentro do presente. Agora ficou claro que não posso ter muitos ideais, mas é preciso tecer a pergunta: Não há algo que eu quero atingir? A minha experiência mostra que quando não tenho nada planejado, não tenho meta pessoal, eu rapidamente fico cansado. O fluxo dos ideais que vêm do futuro refresca, vivifica, é o vir a ser. O puro saber vem do passado e se torna cansado. Por isso é necessário combinar o saber, a ideia com fluxo do futuro e então torna-se o ideal.

Algo mais que é especialmente importante para o professor. O professor, quando tem mais ou menos disciplina, ele sempre diz: “sentem-se”, e as crianças se sentam; “levantem-se” e elas levantam; “agora, peguem os lápis de cor e desenhem isto e mais isto” e elas desenharam. “Agora, façam as tarefas” e elas vão para casa fazer as tarefas. Sempre o professor diz algo e as crianças o fazem. Quando faço a pergunta sobre o que fizemos no dia anterior, todas se lembram. Muitas vezes me questionei, por que todas as crianças fazem isso? Mesmo fazendo a pergunta o que fizemos ontem? Uma criança poderia dizer: “você não se lembra mais”?

Com isso gostaria de dizer que o professor é aquele que constantemente diz ao outro o que deve ser feito. É claro que se torna meio doentio quando o professor

dão um processo social.

Ou seja, **a sétima arte é a arte social**. E a arte da Educação é, obviamente, uma parte da arte social. E qual é a precondição? Assim como é necessário conhecer o Deus para o qual se constrói um invólucro como arquiteto, da mesma forma é preciso conhecer o invólucro e a essência do ser do outro, para lidar com ele de maneira frutífera e social. Quer dizer: cada criança traz algo para mim em que posso descobrir algo divino. Mas esse divino no outro eu posso descobrir por que eu, em mim mesmo, descobri por meio da autoeducação, o órgão da transformação, o Eu. Imaginem agora a organização de uma conferência como um processo artístico: os conflitos como problema estético. Como se pode desatar um nó no biográfico ou no âmbito interpessoal de tal maneira que seja adequado para o cerne divino que descobrimos no outro?

Aqui foram citados sucintamente os elementos da **arte social**. Mas o que significa arte pedagógica? Nós temos três fatores para atuar no artístico: não temos a pedra, não temos as cores, os sons, mas principalmente temos as crianças. Mas as crianças se modificam constantemente. Em segundo lugar, temos a matéria, a matéria de ensino e, em terceiro lugar, nós temos a situação do que ocorre entre esses três elementos; e com eles eu preciso atuar como artista. Um exemplo concreto do que preciso para tornar-me artista: amanhã quero contar uma história. Essa eu mesmo tenho que preparar em casa, mas ao entrar na sala de aula eu enxergo nos olhos das crianças qual é a situação. Então não basta pensar apenas na história, eu também preciso pensar nas crianças. Agora, preciso fazer uma obra de arte. O normal é que eu sou o centro e lá está o mundo e para ele eu olho. Se eu quiser fazer dessa maneira com a classe, sempre estarei atrasado, tendo sempre de perguntar: o que acontece agora? Eu esqueço da história. Olhando para lá, acontece algo aqui. Portanto assim não é possível. Eu mesmo preciso dar um passo do centro para a periferia. Eu tenho que contar a partir das crianças e não a partir de mim. Percebo nas crianças que agora preciso acelerar um pouco mais, preciso acalmar um pouco. Lá está alguém bem preso a meus lábios, preciso conduzi-lo para si mesmo. E este é o brincar artisticamente com a matéria, as crianças e a situação. Posso dizer que preciso buscar dois elementos e nisso tornar-me mestre. Como eu construo encontros e como eu estruturo o tempo? Por exemplo, uma aula? Como é o início, onde está o ponto alto e como finalizo a aula? O pior é quando estou no meio do contar e toca o sinal. Portanto, não deveria ter um pouquinho de tempo para a retrospectiva? Daí, o processo do dia a dia, como retomo a matéria do dia anterior? Como faço nas aulas de Ciências Naturais, que no primeiro dia faço a experiência, mas nada digo sobre porquê é assim. As crianças vão para casa com a pergunta – de que se trata isso?

menos até um certo ponto. Enquanto na poesia, há um sentido. Podemos contar o que aconteceu numa peça de teatro. Dando mais um passo chegamos à eurtímia e podemos ver que ela transforma a música, a poesia, em movimento. Podemos dizer que intensifica essas duas artes. Comparando essas duas artes, pintura e poesia, nós percebemos que há um parentesco, pois o pintor faz uma pintura que podemos admirar; o poeta faz uma pintura falada e que nós podemos representá-la interiormente. A pintura exterior torna-se imagem interior. Mas na arte da fala podemos dizer que a música já está dentro da fala. Assim, podemos dizer que há música na pintura e na poesia; porém na música também há algo destas. Agora podemos perceber que há uma relação semelhante entre o escultor e a eurtímia.

Olhando para uma escultura somos solicitados a nos movimentar interiormente. Observemos corretamente uma arte plástica e simplesmente se desenvolve em nós um sentimento de que no próximo momento essa escultura vai se mover. Enquanto eu me pergunto quantas toneladas pesa o Davi, eu não vi a obra de arte. De maneira que podemos dizer que a eurtímia é a escultura em movimento. E novamente é transmitido pela música. A escultura quando pronta é a forma que está em repouso, mas o observador da escultura precisa mover algo. Assim que se pode dizer que a eurtímia é a escultura em movimento. E como a eurtímia é fala visível e pensamento visível, precisa da música. A música é sempre o ponto de virada da arte espacial para a temporal. Repito: a eurtímia é a estrutura humana em movimento. A escultura é a estrutura que permanece parada quando pronta. Mas o observador da escultura precisa movimentá-la. E como a eurtímia é a escultura movimentada, é a fala tornada visível, precisa da música.

Agora deve ter ficado bem claro (desenhou na lousa). O que é a inversão da arquitetura? Nada mais do que música congelada! Pesquisas nos mostram que as proporções de catedrais famosas são leis musicais. Gostaria de escrever aqui na lousa – Arte da Educação – mas não estaria corretamente colocado. Mas refletindo um pouco, podemos dizer que na catedral, a casa de Deus, a arquitetura dá a Deus a envoltura. Agora, imaginem uma orquestra com vários instrumentos, tambores, percussão, violinos entre outros e, agora, imaginem, sabendo que o mais importante na orquestra é que cada instrumento toque a mesma passagem. Por isso, às vezes, precisa-se de um dirigente e cada um precisa saber quando é frutífero ele tocar. Só imaginando que o tambor se atrase por apenas um minuto. Seria uma catástrofe. Agora imaginem que pessoas decidiram unir-se para uma conversa, assim como os músicos combinaram tocar uma música, aí poderíamos ver o que significa uma arquitetura emborcada. Em vez de ter colunas na arquitetura, temos seres humanos e estes atuam em conjunto e

se esquece disso e diz aos pais o que eles devem fazer. Mas, de forma geral, o professore é aquele que muito determina o que outros devem fazer. Podemos fazer a pergunta: o que justifica isso? Resposta possível: só é legítimo cobrar do outro o tanto que eu exijo de mim. A auto-educação é legitimação para a educação da criança. Baseado neste âmbito gostaria de aclarar um pouco os sete ideais.

O primeiro ideal: *compenetra-te com a capacidade de fantasia*. O primeiro ideal é o mais importante. Podemos dizer que é a tarefa em que o professor deve ser um artista. O que é fantasia, capacidade de fantasia? Fiz uma experiência maravilhosa de como se pode estimular a fantasia. Estava passeando na praia e me sentei sobre a pedra e observava como as ondas entram nela. É bem perigoso escolher um lugar como este para um congresso. Não teria a certeza de os participantes voltarem para reunião aqui no salão. Mas podemos educar a fantasia nisso. Vocês todos devem fazer o mesmo, ir até a praia e depois almoçar. Lá dá para perceber a diferença entre fantasia e pedanteria. Lá dá para ver o que é ritmo e o que é tato. Lá, sentado na praia sobre uma rocha, vêm as ondas, podemos ver como a onda aumenta, sobe com reflexos esverdeados, ela quebra e temos a espuma; chega à praia, ouve-se um pouco um ruído da areia e reflui. Mas cada vez é diferente; nunca podemos dizer de antemão o que a onda vai fazer. Pensamos, lá vem uma onda grande, mas no final não é tão grande; ou ela rebenta um pouco mais cedo que a anterior e por isso se torna bem mais suave do que a anterior. Então, por exemplo, as massas de água passam espumantes sobre uma rocha e quando finda dá a sensação de que tudo é artístico. Mas na verdade é assim que é: um grande ritmo; repete-se, mas sempre é novo no velho. O mesmo se perece ao decorar uma poesia, ou tocando um instrumento, ou quando com a classe quer se decorar uma poesia. No início é bem vivo, se está dentro da poesia, estamos dentro da exercitação e depois de uma semana de repetição já está decorado e, ao tocar o violino, se está a pensar em outra coisa; tornou-se rotina. Neste caso é necessário renovar, fazer acontecer um novo impulso para poder prosseguir. Também na recitação com os alunos é preciso cuidar; no poema da manhã é o maior perigo, basta dizer a primeira palavra e tudo corre sozinho. Mas quando, por exemplo, tira-se apenas uma palavra e desenvolve um pensamento sobre ela, o poema logo é falado bem diferente. Isto é, no mesmo, na repetição precisamos sempre encontrar algo novo. Isto é ritmo. E isso é o artístico. A diferença no exemplo do acontecimento do mar em comparação a uma máquina está em que a máquina é a repetição do mesmo movimento sempre e isso é compasso. E a pedantaria: por que Rudolf Steiner é tão rígido contra a pedantaria. O que é pedantaria? É quando se está fixado no passado. Quando já se sabe o que se quer.



Quando não se avalia a situação atual. Isso já acontece a exemplo do programa já preparado: começo com isso, sigo com isso, depois aquilo e amanhã entro na aula e faço exatamente como imaginei ontem. Qual é o problema? Eu não conto com os alunos. Mas eu devo perceber qual é a situação do momento. Na Suíça, neva todos os invernos e é possível brincar de fazer bola de neve. Estou dando a aula e cai a primeira neve do inverno...! Não é possível dar aula da mesma forma como se isso não estivesse acontecendo. Ou quando uma menina diz: “hoje de manhã faleceu minha avó”. Se eu for pedante darei a aula da mesma forma como planejei. Percebe-se que nisso não há presença de espírito, é “passado” de espírito. Quer dizer que o vir a ser, que é o mais importante para a criança, isto é, que se descobre isso na criança, que não passe despercebido, apenas o passado é colocado como uma tábua. Poder-se-ia dizer que o pedante é o cavalheiro de princípios, tipo “Se isso acontece, ocorre aquilo”. Ele não está disposto para o novo, para perceber situações novas.

O que agora é *fantasia* em contraste com pedantaria? Fantasia é como quando se pinta algo numa folha, por exemplo, e percebe-se que “aqui, preciso fazer assim”, “aqui ainda falta uma cor”, ou “não, não deu certo, precisa ser assim”. Eu sempre preciso encontrar formas novas que dissolvam; a disposição de dissolver algo que já está formado e fazer algo novo: isso é fantasia. Quer dizer que se têm muitas possibilidades, e com essa possibilidade brinca-se. É esta a primeira exigência – *compenetra-te com a capacidade de fantasia*.

Chegamos agora àquela próxima pergunta: O que significa o professor ser um artista? O que significa educar através da arte e educar como arte? Gostaria de retomar e ampliar mais amanhã e passar para os dois outros ideais.

O segundo ideal: *tenha coragem para a verdade*. Isso é como uma polaridade. Podemos dizer que fantasia dissolve e movimenta. A transformação é o elemento da fantasia. A verdade é eterna. Se há transformação na verdade então temos a mentira. Podemos afirmar que essa segunda exigência, o segundo ideal é a busca pela verdade. Procura pela verdade. Também podemos dizer que é uma busca constante em saber o que acontece com essa criança, qual é o ponto de vista do Estudo do Homem. Tudo que está relacionado com o trabalho do Estudo do Homem podemos dizer que é a busca pela verdade. Podemos dizer que as duas primeiras exigências são como a transformação da segunda palestra, portanto futuro – fantasia; passado – a busca pela verdade. Um é mais vontade, o outro é mais pensar e o terceiro é exatamente o que está no meio, no anímico, portanto, o professor – *compenetra-te com capacidade de fantasia – tenha coragem para a verdade – aguce seu sentir para responsabilidade anímica*. Fluxo do pensar – aguce

essa retrospectiva é pavorosa. Primeiro, porque tudo foi mal e, segundo, porque nunca se chega até a manhã. É justamente o determinante, não se busca a perfeição. Exercitando durante semanas, ou um mês, ou um ano percebe-se que assim que se entrou naquele fluxo, vai retrocedendo por si. É a mesma situação que encontramos após a morte, quando temos toda a retrospectiva da vida.

Segunda questão:

*O que há entre a percepção sensorial e o conceito?*

Podemos dizer que o ser humano é organizado de tal forma que ele vivencia separadamente essas duas bases de conhecimento. Primeiro a percepção, depois o conceito. A parte sensorial de fora: percepção; a parte espiritual, de dentro: conceito. E o que está entre? Podemos dizer que no meio está a consciência humana e a atividade que leva à percepção correspondente, ao conceito correspondente é o Eu. O Eu une percepção com conceito.

Agora, gostaria de dar continuidade ao de ontem.

Temos como o professor atua através da arte, mas também como arte. Temos o pintor, o arquiteto, o músico e também o artista da educação. Também uma aula de Matemática pode ser artística e uma aula de Música pode ser não artística. Com isso gostaria de deixar claro que a arte da educação é uma arte especial. Queremos ver agora onde está localizada essa arte. Seguimos uma sequência começando pela arquitetura. A arquitetura tem a ver com o em cima, embaixo, com o fora e dentro. Indo para a escultura. Ela não mais tem a ver com dentro e fora, ela apenas estrutura o espaço por meio das superfícies. Como terceira arte temos a superfície que estruturamos como pintor. Essas três artes são as artes espaciais – espaço – superfície – linha. Agora, chegamos ao ponto zero. E depois chegamos à música. Podemos dizer que a linha desaparece e reaparece como melodia (desenho na lousa). Não estamos mais nas artes espaciais e adentramos as artes temporais. Se eu quero ouvir uma peça de música, preciso ser capaz de ouvir antecipadamente. Também tenho que ter na memória o que houve anteriormente. Preciso formar o todo numa estrutura sequencial temporal. É porque a peça musical é apenas uma unidade quando for tocada a última nota. Adiante, chegamos à poesia ou a tudo o que tem a ver com a fala.

Qual é a diferença entre a música e a poesia? Saindo de um concerto, depois de ter ouvido uma sinfonia maravilhosa, ao chegar em casa, alguém nos pergunta – pode ser um amigo, ou o pai: “Como foi o concerto”? Apenas podemos dizer: “Maravilhoso, magnífico, o dirigente foi excelente, um solista fantástico”. Mas se for solicitado contar exatamente como foi essa sinfonia na sequência, é impossível. Podemos talvez dizer que havia surdos, trompetes, tímpanos etc. Em verdade, a música tem essa qualidade de que quando a ouvimos, já a compreendemos, ao

de coragem para a liberdade. Isso não quer dizer que vou mandar embora todos os professores que não são antropósofos; a pergunta é ao contrário: como podemos trabalhar em conjunto para conquistar a identidade da escola? Isso somente posso realizar olhando a verdade frente a frente. É muito mais fácil continuar a viver com o compromisso em vez de ter a coragem para a verdade. Gostaria de realçar mais uma vez que não quero criticar esta situação. Mas para mim existe o problema da pergunta – se está consciente da situação? – e isso é para mim a coragem para a verdade.

**Chile, 20/07/06**

Prezados amigos, sinto-me honrado de ainda estarem presentes.

Hoje quero iniciar respondendo duas questões.

A primeira é: Como lidar com a retrospectiva?

Temos indicações de Rudolf Steiner sobre duas qualidades de retrospectiva. Uma delas é aquela onde se deve distinguir o mais essencial do menos essencial. Pode iniciar-se antes de dormir, ainda não deitado. Faz-se uma reflexão sobre o que no dia de hoje foi o mais essencial. É possível construí-la de maneiras diferentes. Por exemplo, é possível começar a a listar quais as pessoas que eu encontrei; ou o que eu aprendi hoje. Distinguindo disso temos a retrospectiva semanal ou mensal, quando se avalia mais fortemente o que foi bom, o que não foi bom ou foi ruim. Essa avaliação não é possível fazer diariamente.

Existe ainda outra qualidade de retrospectiva. Rudolf Steiner distingue duas correntezas do tempo. Ontem falávamos disso na atividade da fonte e da foz, onde uma vez tínhamos a fonte como futuro, e outra, como passado. Aqui Rudolf Steiner esclarece que a corrente que vem do passado e vai para o futuro é a corrente normal do tempo. A considerada normal é o fluxo etérico. E o que vem do futuro que está ligado ao querer é o astral. Ao adormecer, o astral e o Eu se separam do corpo físico e etérico, sendo que, à noite, nós passamos o dia de trás para frente; por essa razão é importante que se faça a retrospectiva que descreverei em seguida também de trás para frente. Começamos com o que acabamos de vivenciar, e passamos as imagens em passos para trás até o início do dia. Porém, sem simpatia e antipatia, sem irritar ou alegrar-se novamente. Praticamos uma aceleração quando tentamos, de forma exata, caminhar para trás. Isto quer dizer que se subimos uma escada, da mesma maneira de trás para diante devemos descer. Tendo dado a mão para alguém temos que levá-la de volta (reewart). É bom experimentar em uma passagem pequena do dia. Fazendo isso se alcança exatamente o fluxo astral que atua de noite. Essa retrospectiva, diz Rudolf Steiner, deve-se fazer exatamente antes de querer adormecer. E diz que não faz mal quando se adormece ao fazê-la. Porém, sendo um melancólico,

seu sentimento para responsabilidade anímica – este é o meio.

Agora esse terceiro - tecendo apenas pensamentos relacionados para com esse terceiro: a responsabilidade frente ao vir a ser, em relação à criança. Aqui precisamos ter clareza, todo dia, e isso agora é o ideal de que nós, em todo caso, carregamos uma grande responsabilidade, pois a criança tem menos força do que nós. Isto é superar o ditador em nós, mas ao mesmo tempo é ter um sentimento para perceber o que falta a esta criança, para que desenvolvamos uma responsabilidade para aquilo que anímicamente se passa na criança e na classe. Apenas quero apresentar dois exemplos onde se passa a assumir uma direção negativa: Um professor do Ensino Médio indubitavelmente cometeu um erro. Pode ser que ele saiba falar tão bem, que até o erro desaparece. Frequentemente acontece que numa situação em que se praticou uma injustiça a uma aluna(o) que o professor no final sai com a “camisa branca”, mas todos sabem que o aluno tem razão; simplesmente pela maior capacidade retórica do professor, mas responsabilidade anímica significa também renúncia de poder. Imaginem uma criança pequena: vista de fora é bem menor, olha para fora, para cima. Pode surgir a pergunta: vale a pena para a criança olhar para cima? Essa seria a questão da responsabilidade anímica.

Agora, no final, gostaria de fazer uma pergunta, uma reflexão. No início da Antropologia Geral: anjo – o ser do espírito do destino individual; arcanjo – ser do espírito da comunidade; espírito do tempo – é a verdade no momento presente. Pessoalmente, eu estou convicto que esses três ideais estão relacionados com esse três seres superiores. A pergunta é: como? No último dia ainda voltarei a esta questão e até lá vocês podem refletir sobre isso.

**Chile, dia 18/07/06**

Observando a natureza sempre que há processos rítmicos: dia e noite, inspiração e respiração no homem, as estações do ano. Sempre são repetições, mas aquilo que foi repetido é sempre um pouco diferente do que o anterior. Eu trouxe aquele exemplo da onda; onda vem, onda vem, e vai novamente para traz. Mas observando bem essa onda percebemos que sempre vem um pouco diferente, sempre um pouco diferente. Portanto, não é simplesmente a repetição do mesmo, porém, um pouco modificado. Nunca é exatamente matemático. Quando, por exemplo, tenho o ruído de um motor – pa, pa, pa, pa – é sempre igual. Percebendo o ruído do mar nas férias, à noite, isso não nos incomoda, mas estando numa estrada onde sempre passam carros, quase não se aguenta; medindo-se os decibéis, o ruído do mar pode ser muito maior do que o dos motores. Porém percebe-se que se trata de algo vivo e o ser humano também é algo vivo, enquanto a máquina fazendo as repetições do mesmo é algo morto.

Ontem falamos dos sete ideais, tínhamos os três primeiros: *perpasse-se com a capacidade de fantasia; tenha coragem para a verdade, aguce o seu sentimento para a responsabilidade anímica*. Vimos que o primeiro vem do fluxo da fantasia, do futuro; o segundo, a verdade, é o que captamos pelo pensar, o fluxo do passado; e a responsabilidade anímica é o presente. Agora, com cada ideal temos o problema: como se vincula querer e pensar? Isso é problema básico de toda a pedagogia, mas também de toda a biografia. Podemos nos perguntar o que é pensar sem querer. Ontem já vimos aquele exemplo de termos idéias maravilhosas, mas ficasse sentado e os outros podem realizá-lo. Há outra tendência do pensar sem o querer. Rudolf Steiner diz que a inteligência sem “eu” tem a tendência de torna-se má. E podemos perceber que todos os exercícios que Rudolf Steiner deu aos professores são exercícios que unem o pensar ao querer. Quero dar agora um exemplo de como é quando o pensar pode rechaçar o querer. Existem muitas situações onde se sabe que é necessário fazer algo, é preciso fazer um telefonema que não é agradável. Percebe-se então que um mecanismo nas pessoas de sempre levar aquele telefonema cada vez para mais longe ou mesmo quando se tem que falar algo desagradável para alguém. Podemos ver que em cada pessoa há uma instância que paralisa. Percebi isso pela primeira vez quando estava na puberdade, quando pela primeira vez tive que saltar de um trampolim a três metros de altura. Ainda me lembro muito bem como foi essa decisão. Pensei: hoje você salta, você terá coragem. Previamente me molhei, pois é para pular já molhado. Fui até a ponta, olhei para baixo, ainda pensei: deixa os outros saltarem primeiro. Tomei o ímpeto, mas vi lá que alguém nadava e me lembrei que caindo de barriga é muito perigoso. Achei melhor esperar um pouco e olhar como os outros saltavam, percebi que não estava mais molhado. Bem...vocês já perceberam que dessa vez eu não saltei!

Percebe-se que as representações, as diversas possibilidades pensadas paralisam a vontade. Podemos pensar em fazer o contrário: apenas vontade. Lá fora (Chile) existem rochas bem altas e quando se está bem corajoso, pode-se saltar da rocha e pular na água bem profunda. Eu queria dizer com isso que a vontade sem pensar é cega. O pensar sem o querer é paralisado. Tudo depende de como posso vincular o pensar com a vontade. Temos de Rudolf Steiner aquele exercício maravilhoso que se pode fazer sempre, é favorável para a aula, para tudo. Imaginar-se fazendo algo que seguramente não se faria sem que se impusesse a si próprio. Por exemplo, chegando em casa decide-se abrir a porta com a chave na mão esquerda, não com a direita. Claro, uma ação tola, mas é algo

apesar disso andamos de carro. Claro! Não é tão ruim quando o fazemos, mas temos de estar conscientes de que não estamos fazendo algo bom, que é saudável. Devemos estar conscientes de que estamos fazendo algo prejudicial. A pergunta é: quanto tempo levou para eu me esquecer disso? Podemos representar uma situação ainda mais extrema. Partindo de que o homem se encontra entre o animal ou diabo e anjo, animal e anjo, o animal também é algo diabólico no ser humano. Nós mesmos alimentamos muito esse animal em nós. Naturalmente também nos unimos ao anjo. Imaginem que tudo o que de animalesco, inverdades, maldades que fizemos na vida atual e na vida passada fosse visto como um ser (Gestalt) diante de nós. Na literatura oculta, a isso nós chamamos de guardião do limiar ou o sócia. É verdadeiro que isso pertence ao nosso ser, que o carreguemos em nós. E no caminho da iniciação chega o momento em que realmente esse ser aparece diante de nós. Sempre é descrita novamente na literatura, essa caricatura, esse guardião do limiar que é um ser medonho. Na epopéia do Parceval é representado pelo ser Cundre, que é muito feia; é como a própria imagem desfigurada, e para a qual dizemos “isso não é o meu ser verdadeiro”, mas ele existe dentro de mim e se eu quiser me desenvolver preciso transformar esse ser, para que se torne cada vez mais lindo no futuro. Assim podemos dizer que podemos ser gratos ao destino quando não se encontra essa figura muito cedo. Devemos ser gratos que essa figura permaneça abaixo do umbral da consciência. E em realidade também há um medo de ver esse ser. Mas existe um momento em que de fato vemos tudo, que é o momento da morte. Portanto, depois da morte se revela aquilo que se encontra abaixo do limiar em imagem. Sendo assim, dizer “tenha coragem para a verdade” quer dizer também “tenha a coragem para te conheceres em teu lado bom e em teu lado ruim”. Percebe-se que a qualidade - ter coragem para a verdade - é realmente uma questão de coragem.

Quero ainda abordar um último âmbito para esta questão. Nós na escola Waldorf não nos encontramos numa ilha no Sul, onde podemos fazer o que queremos, porém estamos numa determinada sociedade onde há leis que regem hábitos. Estamos diante da pergunta ou da necessidade de que na escola Waldorf temos de cumprir muitos compromissos. Por exemplo, há professores que não tem uma formação oficial. Hoje, no mundo inteiro existem muitas escolas onde grande parte dos professores não conhece a Antropologia Geral nem a Antroposofia. Mas a Antropologia Geral e a Antroposofia dão a base, a identidade da pedagogia. Isso em si não é problema. Torna-se um problema quando se acostuma com esse problema, pensando ser normal. Isso é, quando não se percebe mais que há um compromisso e, nesse caso, toda vez se necessita

meditação tem um conteúdo, criado através de contemplação e que a cada dia eleva em sua consciência de forma ritmada. Foi um exemplo de transformação de um conteúdo antropológico em uma meditação. Havia certos elementos, principalmente hoje de manhã, quando se percebeu que disso podia transformar-se numa meditação. Por exemplo, a imagem do ser humano jovem e do velho com a luz no meio. Esse era um conteúdo de meditação. No velho tudo se tornou espírito, em experiências; no jovem tudo é futuro. Olhar com atenção para cima, para o ser humano velho. É uma representação biográfica imagética que está presente na 7ª palestra. Algo assim também durante um mês, todo dia, poderia ser colocado diante de si tentando avivar todas as forças da alma.

Vocês puderam acompanhar esse pensamento? Ou ainda existem algumas perguntas a esse respeito?

Gostaria então de abordar o tema de hoje – *Tenha coragem para a verdade*.

Podemos fazer a pergunta – para que se precisa de coragem para isso? Coragem para a verdade? Todos nós queremos a verdade. Mas isso é uma grande ilusão. Nós apenas queremos as verdades que nos são agradáveis. Existem verdades que são desagradáveis. Em especial aquelas que tocam a nós mesmos. Vou descrever uma situação bem concreta de uma conferência de professores. Senta-se, sabe-se que uma colega se encontra numa situação em que, em verdade, não mais poderia dar aula. Tais situações existem em conferências na Europa. O problema é o que fazer agora no colegiado. Eu, como dirigente da conferência, sou pessoalmente muito ligado a essa colega. Outro que tem uma relação muito antipática com essa colega diz: “é impossível essa mulher continuar a lecionar”. O que eu respondo? Surge uma questão de consciência moral. Eu parto da idéia de que eu mesmo também sei que esse colega está com razão. Ele é horrível, mas tem razão. Tenho eu a coragem de dizer a meu melhor amigo: “Você é um professor que não deve mais lecionar nesta escola”? Percebo que, aí, é preciso coragem. Não se tem apenas uma responsabilidade perante a amizade, porém, também perante os colegas se tem a responsabilidade; perante as crianças, perante o mundo espiritual, perante os pais. Não se é mais uma pessoa privada quando se tem que decidir questões desse porte. Principalmente tendo amizades no colegiado, ou inimizades, estas jamais devem ser determinantes nas decisões. Na verdade deveria ser assim mesmo, que o melhor amigo diga ao outro quando ele não puder mais permanecer naquela escola. Justamente o melhor amigo. Neste caso, a coragem para a verdade em relação ao próprio desenvolvimento não é tão fácil. Há muitas situações em que, na vida, se assume compromissos. Todos nós sabemos quão horrível é assumir compromissos.

Nós todos sabemos o quanto o ar está impuro por causa dos automóveis,

que me propus e só realizo por que me propus. Eu uno o pensar com o querer. E justamente fazer algo que não se está acostumado torna-nos bastante flexíveis. Quando se decide por uma ação dessas, percebe-se também quão fortemente atuam sobre nós os hábitos do passado. Podemos também nos propor a escovar os dentes com a mão esquerda. Percebe-se que se realizam tais atos sem pensar – ah, eu havia me proposto a usar a mão esquerda! –, esquece-se. A mesma coisa com a chave na mão – ah, eu queria usar a outra mão! Normalmente não nos damos conta, e só depois nos lembramos daquilo que nos propusemos a fazer; e já foi. Justamente esses exercícios que Rudolf Steiner chama de “ações de iniciativa” fortalecem a vontade. Mesmo que não se consiga, tenta-se novamente, e novamente, percebe-se então que logra na décima vez. Empurra a chave na fechadura com a mão esquerda e se sente como um rei. Fiz algo com soberania! Eu faço o que me propus fazer! Se observarmos o nosso dia a dia, verificaremos que sempre fazemos o que vem de fora. A maioria são reações e não ações. Por isso é extremamente importante que nós mesmos nos propomos a fazer coisas onde se age. E para tudo isso, para alcançar tais coisas, existe uma premissa, um exercício fundamental. Esse exercício básico nós encontramos no livro “*Como alcanças os mundos superiores*”. Diz: “Crie momentos na vida onde tentas separar o menos essencial do mais essencial”. Muitas coisas que realizamos consomem muita energia, mas não são essenciais, mas para distinguir é necessário poder olhar para trás. É por isso que nós necessitamos cada dia um tempinho, talvez um quarto de hora ou vinte minutos onde possamos dizer; - aqui ninguém entra a não ser eu mesmo, consultório comigo mesmo. E esse tempo é tão importante para mim, tão fortemente importante que até desligo o telefone, celular, não se permite ser perturbado e aí posso refletir sobre o que eu quero fazer, o que é o mais importante para mim, de onde obtenho forças novas, onde se conversa isso consigo mesmo. Eu digo isso principalmente para aqueles que tem dificuldades e sempre dizem: “eu não sei quando posso fazer isso”. Não é uma questão de tempo, mas uma questão de consciência; eu realmente quero fazer isso, então eu encontro o tempo.

Depois dessa introdução podemos abordar: Quais são os meios para eu me tornar repleto de fantasia? Novamente através da imagem negativa podemos perceber do que depende. Os professores têm muito que fazer, não há dúvidas: professor de Línguas sempre tem uma montanha de correções a fazer; certamente um professor de classe tem muitíssimo para preparar; há muitas conversas a fazer e agora imaginem essa situação do quanto tenho para fazer: aqui a mala pesada com os cadernos, aqui está a chave para a sala dos professores e entrando na sala dos professores, há uma lousa onde diz: *Compenetra-te com capacidade de*

*fantasia*. Fico mais sobrecarregado ainda.

Agora podemos nos perguntar o que seria ideal fazer com um aluno com problemas?

Estou sentado num banquinho, de braços cruzados, diante da sala dos professores e olho para arbustos bonitos, paisagens e espero até que vem alguém. Quer dizer, eu estou bem leve, solto. Isso seguramente é o contrário da realidade. Mas como chego à postura de que apesar de ter muito para fazer, é claro, permanecer ainda leve? Também aqui existem determinados exercícios que nos deixam leves. Cada um sabe o que é ter um grande problema e querer solucioná-lo, querer solucioná-lo, mas o problema não se resolve, nada adianta. Mas fazendo um passeio com um colega por um caminho, de repente, cai a ficha num contexto totalmente diferente. Isso significa que o problema de professores Waldorf é que somente enxergam a escola, tornam-se cegos para o mundo. Ou quando, ao chegar em casa, a esposa, de mão na cintura, pergunta: Por que você chega tão tarde? Ou seja, caio de um fardo, noutro. Por isso posso passar-lhes um segredo que experimentei. Não quero passar para vocês o que não experimentei. É preciso fazer algo que não tem a ver com a escola e nada com o problema em casa. Eu quero observar plantas, como crescem as plantas. Também pode ser que eu queira aprender a tocar um instrumento; ir a um determinado lugar na natureza onde posso ser inspirado, onde conscientemente não faço o que tem a ver com a minha tarefa. Fiz a experiência de que quando se tem tais oportunidades, cada dia um pouco, e nos fins de semana ou nas férias um pouco mais, isso de fato nos dá forças de renovação; é quando se recebe novas idéias, um outro ângulo de visão, pois o inimigo da fantasia é quando tudo é preconcebido, não podendo mais ser criativo, pois estou sempre reagindo. Talvez vocês já viram o filme de Charles Chaplin – *Modern Times*. É a situação típica do homem moderno na linha de produção. Ele começa algo e aquilo continua sempre e ele não sabe mais o que fazer. Esse é o mesmo problema quando ficamos com medo de não dar conta de todas as exigências. Mas assim que se consegue conquistar um tempo pequeno por dia, nós percebemos que podemos ampliá-lo, isso pode ser uma nova fase. Cabe aqui – *permeia-te com a capacidade de fantasia* –, que nós mesmos podemos fazer algo artístico e prazeroso com amigos.

Agora um exercício específico para a fantasia que novamente tem a ver com o livro *Como Alcançar os Mundos Superiores?* – Foi Ursula Valendor quem me deu a idéia de trazer esse exemplo. Ela percebeu que lá fora existe uma pequena figueira e nela dá para ver, em parte, botões, outros um pouco maiores, e outros já bem

por exemplo, a Antropologia, ou a planta em crescimento, para isso é necessária a capacidade de concentração. Já temos três qualidades – atenção – relacionar cabeça e coração – concentração. Vem ainda uma quarta qualidade e essa é decisiva para todas as outras. Isto é, vincular-se ritmicamente todos os dias com um determinado conteúdo de meditação. Isso significa que só se alcança uma verdadeira auto-educação, um cultivo interior da alma exercitando diariamente. Não adianta dizer – agora vem as férias, depois vou meditar um dia inteiro e isso me alimenta para o próximo meio ano. Aqui se trata de como um remédio da Weleda, como remédio homeopático, todos os dias, dez minutos. Percebe-se que quando também se cultiva a vontade, pois toda vez é preciso superar-se. Cada vez posso dizer – porque tenho que fazer isso? De qualquer maneira é sem resultado. A resposta é: fui eu que decidi e eu serei fiel a mim mesmo.

Vou mencionar outra qualidade. A sequência não segue a importância. Essa é a qualidade que chamamos de contemplação. Talvez cada um de vocês já tenha vivenciado uma conversa onde em grande serenidade foram falados mutuamente pensamentos profundos. Quando por exemplo, se fala acerca da questão do destino. Ou quando se fala sobre alunos na conferência: como podemos ajudar esta menina? Então podemos chamar isso de um intercâmbio de pensamentos cheios de alma carregados pelo elemento contemplativo. Podemos dizer a frase: “O professor dá sequência à atividade do que se iniciou no pré-natal pelas hierarquias”. Podemos refletir sobre essa formulação. Uma reflexão seria: que grande responsabilidade! Mas também há a alegria de saber que cada criança me traz uma mensagem do mundo espiritual. Faço a pergunta: “Como posso ser aquele que dá sequência ao trabalho dessas forças tão elevadas”? Podemos chegar à conclusão de que somente é possível se eu estabeleço uma relação com o mundo espiritual. Esse mundo espiritual que todos os dias me olha através dos olhos das crianças. Esse é um exemplo de contemplação sobre uma frase. Vocês devem ter percebido que tais pensamentos nem se pode pensar sem o coração. Podemos nos decidir a escolher uma tal frase, como mencionei agora. Podemos dizer que todo dia num determinado tempo eu tento concentrar toda a minha força, pensamento, minha atenção, sentimento numa frase como esta. Percebo então que é maravilhoso no primeiro dia, no segundo, ainda no terceiro, se tenho vontade ainda de continuar no quarto e quinto dia, percebo que aos poucos está empalidecendo. Sempre vêm os mesmos pensamentos, os sentimentos não vêm mais, e agora percebo que preciso esforçar-me o dobro. É como uma oração, lá também temos que tentar cada vez penetrar completamente, caso contrário é apenas uma recitação como a Ave Maria. A isso damos o nome de meditação. A



A próxima pergunta eu gostaria de trabalhar um pouco mais profundamente. Já foi abordado no último congresso, mas parece que sempre precisa ser repetido. A pergunta é: o que é meditar? E como esta palavra atualmente é tão inflacionada é preciso dizer o que se entende por meditar. Para uns é desenvolver capacidades mágicas; para o segundo é acender bastões de fumaça para espalhar bons cheiros pelo ambiente e estar sentado de pernas cruzadas. Para um terceiro é estar sentado bem descontraído, inspirando e expirando, no fundo uma música suave, ruído do mar, do vento que passa; fazendo relaxamento. Isso também é meditação. Por essa razão não devemos usar a palavra sem saber o que queremos com ela.

Quero apresentar sucintamente os degraus da meditação:

Há elementos meditativos na vida cotidiana. Por exemplo, olhar nos olhos de uma criança, isso pode despertar um sentimento meditativo, quando se vê a primeira flor na primavera, isso também pode despertar um sentimento meditativo; olhando-se o céu infinito estrelado, isso também é um elemento meditativo; ou também diante de um profundo encontro especial com alguém. Já se pode desenvolver a vida meditativa no dia a dia ao maravilhar-se com uma situação de devoção, de oração. Indo adiante, transcendendo esse cotidiano chega-se a passos bem concretos. Em vez de usar a palavra meditação podemos dizer cultura anímica interior, ou aprofundamento da própria vida interior. Isso está vinculado a determinadas capacidades.

A primeira é: atenção. Isto é, o caminho meditativo de Rudolf Steiner sempre parte do princípio de que se busca uma intensificação da consciência, nunca um rebaixamento da consciência. Também existem determinados caminhos meditativos que dizem que é preciso tomar um determinado chá, inspirar certas substâncias, daí se chega a uma situação de transe e obtém-se vivências maravilhosas. Isso nada tem a ver com o caminho descrito por Rudolf Steiner, principalmente para ele é essencial que a meditação não seja feita simplesmente para a própria elevação, mas para melhor dar conta da sua tarefa.

Ontem lhes trouxe o exemplo de crescer, florescer, fenecer. Vimos que são necessárias duas qualidades: primeiro, a atenção.

Segundo: aquilo que vejo na minha observação, ou se penso um pensamento que isso seja vinculado ao sentimento, transformado numa vivência. Pode-se dizer que é o caminho da cabeça ao coração. Cabeça sem coração é fria e destrutiva. Coração sem cabeça é sentimental e exagerado. Trata-se de unir os dois entre si. Sempre significa que se começa a assimilar algo, que se observa algo na natureza e o compreende e depois tenta elevar à vivência. Vem mais uma terceira qualidade. Para que realmente se possa assimilar atenciosamente,

desenvolvidos. Ela observou que de um dia para outro um botão ficou grande e abriu-se. O exercício tem a ver com essa qualidade.

A pergunta básica é como podemos vincular-nos à correnteza do vir a ser, da transformação, não do estático. Fantasia significa transformar sempre. Esse exercício básico de Rudolf Steiner de estar atento a processos de brotar, crescimento, florescer, de um lado; e do outro fenecer, murchar, secar. E muitas vezes se vê na mesma planta o estado de crescimento, florescer, e folhas que murcham. Não se trata de rapidamente olhar, mas que se tente perceber qual atmosfera temos quando algo floresce, quando cresce, qual é a atmosfera ao murchar, fenecer. Isso só é possível quando se toma esse tempo. Este é o tempo pleno. Frequentemente, durante o dia, temos tempo vazio, ou tempo ocupado. Em tais exercícios trata-se de buscar, de como conquistar o tempo ocupado. Quando no caminho para a escola ou em casa temos uma planta para a qual olhamos diariamente, e observamos como ela se desenvolveu, sentimos como novas forças penetram em nós por meio de observações diárias.

Existe também a possibilidade de desenvolver a fantasia no pensar. O trabalho na *Antropologia Geral* sem fantasia é impossível. Por que as afirmações lá não são de tal modo como se algo fosse aprendido e “agora eu sei, vem o próximo”, e novamente o próximo. Mas algo é afirmado, então é transformado e novamente transformado. É necessário que cada um acompanhe em movimento. É um estímulo ao próprio pensar vivo. Quer dizer, o pensar normal, analítico, que responde a isto ou aquilo, o sim e não do computador, esse pensar cansa; já o pensar vivo que permeia o contexto refresca. Podemos observar que na vida as coisas não são isto ou aquilo, mas que ambos, tanto isto quanto aquilo, estão corretos.

Temos, por exemplo, as frases em que um diz: “eu apenas posso compreender aquilo do qual me distanciei”; “preciso de distanciamento daquilo que quero compreender”. Uma segunda frase diz: “Eu só posso compreender o que eu amo”; “eu somente posso compreender aquilo com o qual eu me vinculo”. Antes ouvimos: “só compreendo do que me distancio”. Ambos estão corretos. Primeiramente preciso me distanciar e então posso me vincular.

Segundo exemplo: Estamos sobre uma ponte. Um rio corre por baixo. Nós olhamos virados para a foz. A foz é o futuro, a fonte é o passado. Agora eu me viro na ponte, olho para a fonte e digo: o futuro é de onde vem a água, é a fonte.

O passado é a foz e a água já se foi. Ambos são corretos. São as duas correntes do tempo: a do futuro e a do passado. Percebemos que este pensar vivo também suporta contradições. A vida inteira é cheia de contradições. E outra qualidade, um pensar cheio de fantasia é quando é possível vincular o individual com a totalidade. Quando o especialista apenas se atém a um pequeno recorte da vida e o conhece bem, perde o todo. Há um exemplo maravilhoso para um pensar global, para um pensar cheio de fantasia de um grande matemático: Gauss (Carl Friedrich Gauss). É possível usar isso nas aulas do 8º e 9º anos. Gauss foi um aluno sempre cheio de tédio, que sempre tinha livrinho debaixo da carteira enquanto o professor ensinava. Até que o professor disse: “Agora, basta; dar-te-ei uma tarefa na qual você tem como se entreter, no mínimo, por uma hora. Você vai somar – um – dois – três – quatro, até cem. Faz a soma de todos esses números, pega uma folha e calcule. Gauss respondeu: “cinco mil e cinquenta”. “Não é possível, como você sabe isso?”, perguntou o professor.

“É bem fácil: um mais noventa e nove é igual a cem; dois e noventa e oito também é cem; portanto temos que multiplicar quarenta e nove por cem e isso dá quatro mil e novecentos, somando os cem, dá cinco mil e mais os cinquenta, dá cinco mil e cinquenta”.

É um exemplo maravilhoso de fantasia e não simplesmente ir somando um por um.

Falo isso em cada Congresso porque sinto que é muito importante. Temos o mesmo para os professores dos Seminários. Rudolf Steiner traz uma *fata morgana* (visão). Pois ele diz que há três passos do (re)conhecimento (Erkennen). Primeiro passo é assimilar. Estudar a Antropologia Geral e assimilá-la, quer dizer que se tente compreender o que está escrito. Não estou falando da compreensão no sentido amplo, pois de qualquer maneira não se a compreende logo. Mas mesmo assim podemos falar sobre o conteúdo de cada parágrafo. Durante um ano, uma palestra. Esses pensamentos de Rudolf Steiner são de tal maneira que se tem que aprender a pensar vivo. Não é um pensar de isto ou aquilo, mas o pensar vivo, um pensar que precisa ser movimentado. Agora vem o segundo passo do estudo da Antropologia Geral, que é meditar a Antropologia Geral. Meditar significa que um pensamento, ou todo um esquema cada dia durante cinco minutos o torne bem vivo em sua alma. Fazendo isso regularmente, assim diz Rudolf Steiner, então teremos fantasia pedagógica. Ele vai ao extremo de dizer: Meditem Antropologia Geral à noite e no dia seguinte vão se dar conta do que é preciso fazer com a criança. Portanto, trabalho de Antropologia Geral – isso vocês viram hoje de manhã – não é acumular conhecimento, porém formar capacidades, capacidades que incentivam a fantasia porque a alma, por meio desse trabalho,

se modifica de tal maneira que à noite é possível acontecer encontros e, no dia seguinte, se tem maior frescor e se está repleto de fantasia.

**Chile, 19/07/06**

Perguntas e Respostas

Ontem falamos de pensar sem o querer, ou o querer entra no pensar.

1. Qual a diferença entre o querer no pensar, ou o Eu no pensar ou o pensar sem querer ou, ainda, o pensar sem Eu?

Podemos responder que neste caso é o mesmo. Imaginem-se trabalhando a Antropologia Geral de tal forma que não apenas leiam e sonhem, mas que tentem compreender. Isso só acontece quando vocês o querem. Isso nada mais é do que o Eu assumir o querer e o levar para dentro do pensar. Eu sou ativo; a atividade é Eu e o meio é o querer.

2. Quais são os empecilhos que me impedem de seguir o caminho iniciático? Quando, por exemplo, sente-se – eu quero fazer algo – tenho uma meta – e sempre surgem entraves que me impedem de realizá-la. Pode ir até o extremo que quando eu decido me concentrar com toda a força sobre algo, de repente sinto uma coceira, ou quero concentrar-me e – “ah! esqueci de trancar a casa”. Isso é o sinal de que quando eu quero dar passos no meu desenvolvimento surgem obstáculos. É um bom sinal que me mostra que para praticar esses exercícios é preciso antes me tornar forte.

Certa vez eu disse que o ser humano, de certa forma, é um ser entre diabo e anjo. E pode-se dizer que a alma do homem é o campo de batalha entre essas duas forças. Percebe-se de manhã cedo. Devo realmente levantar. É quentinho e eu poderia ficar mais uns minutos. Percebe-se que se exige uma decisão entre duas situações; entre o “eu quero” e, ao mesmo tempo, uma outra voz diz: “mas por que”? Fica uma pergunta aberta: quem ganhará com isso? Ao mesmo tempo é a garantia de que o homem pode ser um ser livre. Se ele sempre fizesse tudo certo, sempre fosse obediente, no final chegaria no céu, e ele não estaria livre.

Há perguntas a respeito das hierarquias e estas eu gostaria de deixar abertas para os próximos dias.

Gostaria de voltar para ontem. No final relatei os três passos de *estudar, assimilar e meditar* a Antropologia Geral e então tenho a fantasia pedagógica correta. Se for verdade o que Rudolf Steiner diz – que quando se estuda a Antropologia e depois medita, que então se alcança a fantasia pedagógica correta –, então fica claro qual o significado da Antropologia Geral na pedagogia de Rudolf Steiner: é a base. Mas vimos ontem e hoje de manhã que a Antropologia Geral pode ser apresentada de forma artística. Quando se fala de Antropologia Geral não se deve apenas pensar na cabeça.